

NOVAS DA GALIZA

— I PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA I —

“A alternativa independentista é imprescindível tanto para o BNG como para o conjunto da sociedade galega”

Breixo Lousada Valdés, responsável de Comunicação do Movimento pola Base

PÁGINA 04



Outra visom do povo cigano

A etnia cigana conta na Galiza com cerca de nove mil pessoas e menos de um terço reside em infra-habitacións. Na cidade de Vigo a percentagem é de 2,5%, mui similar à de Ponte Vedra, e em Santiago de Compostela o favelismo é já um fenómeno erradicado. Som dados que poucas vezes se dam a conhecer, mas que dam conta de umha série de mudançás que ponhem em questom a dificuldade de convivência deste povo, até há pouco caracterizado polo nomadismo, no seio da nossa sociedade. As plataformas político-sociais que ciganos e ciganas tenhem desenvolvido nos últimos anos para representarem os seus próprios interesses, o incremento da sua participação na vida pública (a percentagem de votantes é semelhante na população cigana e na ‘paia’) ou a transformaçom dos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, som só alguns dados que permitem negar essa suposta dificuldade de ‘convivência’. Acontece que, entre as pessoas nom ciganas, costuma entender-se o ‘convívio’ como sinónimo de ‘integraçom’, ou até de ‘assimilaçom’, algo a que nom aspiram os ciganos; é responsabilidade do conjunto da sociedade reinventar as nem sempre justas relaçoens entre comunidades, descartando qualquer assomo de paternalismo, e, nem é preciso dizer, atitudes xenófobas. A história deste ancestral povo, chegado da Índia à Península Ibérica no século XV fazendo-se passar por ‘egiptano’, é a história de um mau trato. Corrigir a história está também nas nossas maos, no Vao e em Vilar Cham. / Pág. 15

As ‘bicicletadas’ entram com força na Galiza

A ‘massa crítica’ chega ao nosso país de bicicleta, reclamando mudançás na ordenaçom dos espaços urbanos / 14



Imagem da manifestaçom convocada em Corrubedo contra o Plano Aqüícola / Fotografia: CUT

A política ambiental do bipartido consegue unir a sociedade civil excluída do Hórreo

O GOVERNO QUER SEPULTAR 320 HECTARES DE LITORAL PARA A PRODUÇOM PISCÍCOLA

A aposta dos diferentes executivos galegos na piscicultura e a indústria do turismo litoral poderá converter-se no desastre ambiental mais importante do início do século XXI na Galiza, muito por cima do Prestíge. O executivo de Touriño, através do departamento de Pesca de Carmen Gallego e com a complacência do BNG, avança com um Plano Galego de Aqüicultura que sepultará em asfalto e betom 700.000 metros quadrados mais de costa que o Plano Sectorial que aprovara o PP meses antes de perder o poder, e cuja revisom

polo actual governo foi um dos símbolos da mudançá de cor política de Sam Caetano. Salvada a excepcionalidade de certos espaços protegidos, o asfaltamento do litoral para a situaçom de unidades de piscicultura reforça-se com mais viveiros e muitíssimo mais espaço costeiro para a instalaçom dos mesmos. Politicamente, o BNG, como no caso da canteira da Campa, de Reganosa ou da Cidade da Cultura, será quem vaia sofrer mais directamente este novo Plano: cada vez é maior o divórcio entre grande parte da base social com a cúpula

desta frente. Em todas as mobilizaçoens contra as macroinstalaçoens piscícolas participam activamente agentes intimamente ligados ao movimento associativo e sindical promovido polo Bloco Nacionalista Galego que, em muitos casos, estiveram mui activos na Plataforma Nunca Mais. A criaçom da plataforma Galiza nom se Vende é o primeiro exemplo de umha Galiza saudável que está a ganhar terreno na defesa do território sem necessidade de aprovaçom pola parte das cúpulas partidárias e sindicais. / Pág. 12

E AINDA...



Plataforma SOS Grova: “É o grande capital que se nos está a meter nos terreoens mais baratos da Galiza, que som os montes” / 10

GALIZA NOM SE VENDE aglutina a oposiçom perante as agresssoens consentidas polo bipartido / 04

QUEIMADA EM NOVEMBRO mais de metade da superfície que no resto do ano / 07

A PROSTITUIÇOM em debate: artigos de Nanina Santos Castroviejo e Mónica Gonçalves / 09

Outras opinioens: Maria do Cebreiro, Joám Lopes Facal, Manoel Santos, Ana Paz, Valentim R. Fagim e Leo F. Campos



Vivamos como galegos?

MARIA DO CEBREIRO

A febre que há semanas desatou o célebre anúncio dos supermercados Gadis dá para umha pequena reflexom sobre alguns mecanismos da psicologia social. Numha argumentaçom circular que os próprios ideólogos do anúncio nom duvidariam em considerar 'tipicamente galega', o slogan da campanha publicitária incitava-nos a *viver como galegos*. O convite fijo-me reflectir numha aguda reflexom de Arturo Casas sobre o lema 'Sê tu mesmo', de sabor tam mediático. Com o seu esplêndido sentido da ironia, afirmava Casas que a exortaçom a sermos nós era umha perda de tempo, visto que nom nos ficava outro remédio. Mágoa que os publicistas non fizessem um uso mais proveitoso da sua criatividade? valor polo qual supostamente se lhes paga? para nos animar a sermos o que *nom* somos e, de passagem, se quada, melhorar.

O furor com que muitos galegos, ao abrigo das redes de transmissom tecnológica, favorecerom a circulaçom do anúncio informa às claras de umha atitude paradoxal perante a própria identidade. De um lado, as pessoas que se sentiam representadas polo anúncio contribuírom para o converter numha bandeira da identidade galega, ainda que fosse unicamente por uns dias? no regime internacional do Youtube nem as essências nacionais som valores duráveis. Por outro lado, é inegável o défice que revela a mesma pretensom

de atribuir a um anúncio a caracterizaçom do *Volkgeist* galego.

À vista do estilo entusiasta das definiçoms, qualquer pessoa diria que vivemos no tempo do relativismo cultural. O certo é que as consignas televisivas tiram muito bom proveito da

necessidade humana de conjurar a incerteza tomando por instrumento a autoafirmaçom. Pouco importa que os valores chamados a nos representar sejam tam rançosos como os escolhidos polo anúncio do Gadis. Entramos num dos Outonos

mais secos dos últimos anos, mas os publicistas teimam em nos lembrar que na Galiza até *a chuva é arte*. Por nom falar da tortilha da nossa mae, da aldeia dos nossos avós e da cultura da fome. E por se nom fosse avondo, este pequeno sainete nacional ilus-

tra-nos também quanto ao uso consolador da palavra 'triquinho'. Para que ninguém esqueça que, por ter, mesmo temos ainda umha língua de nosso.

Há alguns meses, a Coca-Cola tentou convencer-nos, aos que andamos polos trinta, de que pertencemos à geraçom mais simpática do mundo. E os de Gadis agora dam-nos provas de que vivemos num país estupendo. Haverá que lembrar que o único que procuram as empresas é vender os seus produtos? Ou será que os seus produtos agora somos nós? Parece preocupante que umha empresa, seja gigante ou pequena, seja daqui ou de fora? as empresas, se algo nom som agora, é nacionais? pretenda reconciliar-nos com o que somos.

Houve quem aduzisse razoms de ordem lingüística para se pronunciar contra a campanha. O anúncio foi dobrado do castelhan num galego, já agora, bastante pobre. Mas o problema de fundo nom é o modelo de língua escolhido pola empresa. Até agora, nom recaiu em Gadis o financiamento da política lingüística na Galiza, ainda que já haja bancos que compram ilhas e fundaçoms privadas que adoram a cultura. O preocupante é o perverso jogo de mediaçoms e interferências que revela todo este assunto de nos comportarmos como galegos. Cuidemo-nos de nom celebrar que Gadis nos defina nesse fervor ridículo com o que os servís buscam o aplauso dos poderosos.



O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejias transmitir-nos algunha inquietaçom ou mesmo algunha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçoms, como também de resumí-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.

Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

IMPUNIDADE DOS AGENTES POLICIAIS DE VIGO

O MpDC considera que se está a transmitir a mensagem de que a polícia, apesar de nom se ter identificado e ter disparado, golpeado e detido um cidadão inocente sem lhe ler os direitos, nom tem que responder perante a justiça, gozando de total impunidade.

O facto de que umha actuaçom tam evidentemente imprudente e negligente, com claro perigo para a vida dos cidadãos, acabe com o arquivamento do caso, demonstra como actum os agentes e corpos de segurança do Estado: com impunidade. Toma-se evidente porque os cidadãos nom denunciam estes abusos; depois de ter que sofrer umha situaçom tam traumática, devem dispor de tempo e dinheiro para que um juiz esculte o seu caso para depois... ser arquivado.

Entretanto, os agentes disponhem dos advogados da Administraçom e cobram por acudirem a estes julgamentos, que acabam sem entrar no fundo do assunto.

No caso que nos ocupa, nom estamos a falar da intençom de fazer dano do agente, estamos a falar de umha actuaçom absolutamente imprudente e negligente com resultado de lesom e falta de respeito por qualquer protocolo de actuaçom, implicando um claro perigo para a vida das pessoas. Ninguém discutiu até os dias de hoje que esta actuaçom nom fosse assim, e até o Delegado do Governo pediu desculpa ao afectado.

O MpDC considera que é evidente que as garantias constitucionais falham sempre que se vem envolvidos corpos e forças de segurança do Estado e dia-a-dia deixamos de crer nesses direitos, que se transformam em 'papel molhado'. Mesmo quando se consegue imputar um agente e que seja condenado, é mui provável

que o Governo outorgue indultos, ainda quando nom pedem perdom às suas vítimas, como aconteceu com os polícias locais de Vigo.

Movimento polos Direitos Civís

OUIDOS SURDOS ÀS REVINDICAÇONS DA MOCIDADE

Na quinta-feira 28 de Dezembro decorreu o Pleno Municipal em que se aprovou definitivamente a Ordenaça de Resíduos e Limpeza Viária, tendo sido rejeitadas as propostas realizadas pola Plataforma contra a Criminalizaçom da Juventude, que foram apoiadas por centenas de jovens compostelanos e compostelanas. A Câmara Municipal de Compostela demonstrou com o Plenário de hoje o pouco interesse que tem de abordar a sério a prática do 'botelhom' e por extensom o ócio juvenil, já que ao aprovar a

Ordenaça sem sequer ter em conta as propostas realizadas pola Plataforma, exclui do debate, e da possível soluçom, os principais protagonistas desta prática, os e as jovens.

A Plataforma contra a criminalizaçom da juventude, que tem desenvolvido umha intensa actividade denunciando o esquema repressivo que esconde a Ordenaça Municipal, é consciente de que a aprovaçom deste novo regulamento nom fecha nem soluciona nengumha problemática. Todo o contrário. O que conseguirá a aplicaçom da Ordenaça é converter em 'delinquentes' os milhares de jovens que cada fim-de-semana praticam o 'botelhom', com os problemas que disso se podem derivar.

Continuaremos com as actividades para denunciar o que consideramos um grave atentado contra os direitos da mocidade compostelana.

Plataforma contra a Criminalizaçom da Juventude (Compostela)

A economia galega olha para sul

JOÃO LOPES FACAL

“O NOVO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA E PROGRESSO COM QUE A UNIOM EUROPELA NOS OBSEQUIOU VAI APRENDENDO A ATURAR COM PACIÊNCIA A VÁCUA RETÓRICA SOBRE A LÍNGUA E A CULTURA QUE NOS UNE, DIRECTAMENTE PROPORCIONAL À INCAPACIDADE PARA PROMOVER TAREFAS CONSTRUTIVAS COMUNS”

A necessidade de cooperação da Galiza com Portugal e, mais concretamente, com a Região Norte, é um princípio quase indiscutível entre os analistas do desenvolvimento económico.

A euro-região galaico-duriense que se estende do Ortegal ao Douro – até a margem norte dos distritos de Aveiro, Viseu e a Guarda, se aceitarmos a flutuante demarcação oficial portuguesa – constitui umha área de 50.853 km² (58% galega) com 6,3 milhões de habitantes (43% galegos) e um produto económico agregado superior aos 100.000 milhões de euros, distribuído em partes iguais entre ambos os lados da fronteira.

A euro-região supera em extensão a Bélgica e a Holanda e tem umha população similar à da Catalunha, com um produto económico por volta de metade do catalán: 10% do PIB de Espanha, aproximadamente.

Se houvesse que assinalar um argumento chave do interesse estratégico deste espaço seria o de assegurar a cada um dos seus parceiros a dimensão necessária para amortecer a excentricidade económica que nos limita. A rede urbana e económica que afina as suas cabeças nas sete cidades galegas e no Porto e Braga constitui um espaço aberto ao tráfico internacional mas, sobretudo, um mercado interno com dimensão suficiente: 6,3 milhões de consumidores e umha rede empresarial em crescimento.

O novo espaço de convivência e progresso com que a Uniom Europeia nos obsequiou vai aprendendo a aturar com paciência a vácuo retórica sobre a língua e a cultura que nos une, directamente proporcional à incapacidade para promover tarefas construtivas comuns. Umha das raízes da esterilidade que tolhe a acção política é, além da escassez de personalidades com liderança, o manifesto receio de Madrid e de Lisboa. O poder não gosta de partilhar, e o seu primeiro mandamento é tentar reprimir o possível competidor,

como já sabia Nerom.

Contodo, a euro-região caminha. Dous ámbitos da cooperação permitirán-nos apreciar o seu potencial de desenvolvimento: as operações corporativas de compra e venda de empresas por iniciativa transfronteiriça e o espectacular nível alcançado polas transacções comerciais.

Quanto à primeira perspectiva podemos lembrar operações como a constituição de Madibéria pola parte de Finsa-Tafisa (Viseu, 1985-88), a compra de Tafisa por Sonae (1993, 90 milhões), ou da Corporación del Noroeste por Cimentos Simport (1995), a aquisição da S. N. de Produtos Longos no seu processo de sua privatização pola siderúrgica ferrolana Megasa ou a compra do Banco Simeón pola Caixa Geral de Depósitos (1995, em 122 milhões). Umha recente operação, de grande efeito mediático, foi o deslocamento de um projecto de granja marinha promovida por Pescanova (7.000 toneladas/ano de rodvalho, 140 milhões de investimento) ao município de Mira, no Distrito de Coimbra. Talvez os empresários sejam mais ágeis que os oradores.

No que respeita ao comércio comum na Europa sem fronteiras que nos une, aí estão os dados do Instituto de Comércio Exterior de Portugal referentes ao ano 2006. Galiza terá efectuado compras a Portugal polo valor de 1.911 milhões de euros e vendas polo montante de 2.174. Deve salientar-se o carácter favorável da balança, o forte crescimento dos fluxos nos últimos anos e, sobretudo, a liderança da Galiza: 23% das exportações portuguesas dirigidas para Espanha tenhem a Galiza como agente intermediário. Será que os negócios não podem esperar tanto como os bons propósitos.

Há uns meses fracassáram as negociações para a revisão do Estatuto porque a representação do PP opinava que a Galiza não era umha nação. Será talvez umha euro-região? .

NOVAS DA GALIZA

EDITORIA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván García, Xiana Árias, Sole Rei, Helena Irímia, Eduardo S. Maragoto, André Casteleiro, José E. Vicente, Xabier Xil

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇÃO
Miguel García, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel García

FECHO DA EDIÇÃO: 20/11/07

INTERNACIONAL

Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal), Jon Etxeandia (País Basco) Juanjo García (Países Cataláns)

COLABORAÇÕES

Opinión. Mauricio Castro, X. Carlos Ánsia, María Álvarez, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Germán Ermida, Celso A. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. Blasco 'Foz', Alberte Pagán, Concha Rousía, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronología.** Iván Cuevas. **Música.** Jacobo Pintor. **Galiza Natural.** João Avelado. **Sexualidade.** Beatriz Santos. **Língua Nacional.** Valentim Fagim. **Descobre o que sabes.** Salva Gomes. **Desportos.** Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cozinha.** Joana Pinto, Miguel Burros, Ana Rocha

FOTOGRAFIA

Arquivo NGZ
Natalia Gonçalves, GZI, Xavier Sampil

ADMINISTRAÇÃO

Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO

Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinho, Aduaneiros sem Fronteiras

CORRECCIÓN LINGÜÍSTICA

Eduardo Sanches Maragoto, Fernando Vázquez Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinións expressas nos artigos non representan necesariamente a posición do periódico. Os artigos som de libre reprodución respectando a ortografía e citando procedencia. A información continua periodicamente no sitio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

MAL-ESTAR E INCERTEZA

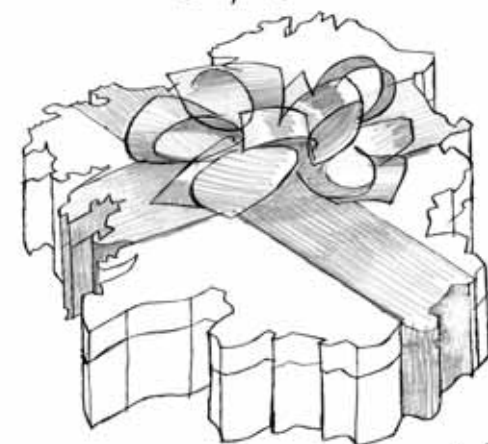
Os defensores mornos do bipartido argumentavam que, sem confiarem em mudanças radicais, cabia aguardar umha pequena regeneração colectiva. Isto justificava por si só acalmar os ímpetus mobilizadores dos finais do fraguismo, e pôr o movimento popular sob a tutela das instituições e dos partidos. Transcorridos dous anos destas argumentações, até o mais entusiasta cala como um peto. O silêncio inicial perante os muitos abusos governamentais converte-se em importantes assomos mobilizadores. Nesta Galiza dependente, os custos ecológicos do progresso neoliberal alcançam níveis mui preocupantes, e socialmente há quem comece a pedir contas sem complexos. De Mugaridos a Seoane do Courel, e do Morraço à Marinha, as críticas ganham corpo e o discurso torna-se incisivo. Que a política bipartida é essencialmente umha reprodução dos dezasseis anos passados, poucos o questionam. Em matéria energética, urbanística e

até cultural – como mostram as reveladoras manifestações de Quintana sobre a obra do Gaiás – reina o contentamento com os que mandam de verdade, e nem todo o mundo está disposto a assentir passivamente.

Pola primeira vez em várias décadas, a simbologia galega nom domina na denúncia popular, como se viu nos actos recentes em Corrubedo e Mugaridos. A identificação errada da causa nacional com os piores excessos governamentais dá prova de todo o património dilapidado polos profissionais da política, e de passos atrás na consciência colectiva de grandes consequências. No extremo contrário, a resposta colectiva mostra um aspecto saudável: exhibe autonomia política, nom padece o controlo de especialistas da gestão e fala com contundência, contra todo 'desenvolvimentismo', ainda que este se disfarce com o verde. Os rumos da oposição popular som incertos, o que quer dizer que nela intervém a livre decisom.

SUSO SANMARTIM

GALIZIA
nom se vende...



Presenteizade!!!

NOTÍCIAS



Manifestação convocada no passado mês de Maio com o lema 'Galiza nom se vende'

‘Galiza Nom Se Vende’ apresenta-se como aglutinante da oposição perante as agressões consentidas polo bipartido

REDACÇOM / Mais de sessenta colectivos e plataformas conformam a rede Galiza Nom Se Vende que se apresentou publicamente no passado dia 16 de Novembro em Compostela, como extensom da Rede Litoral Vivo. Pretende umha gestom sustentável dos recursos naturais e um “ordenamento do território racional e socialmente justo” frente a um modelo económico que consideram “insolidário e depredador”.

Este movimento, que nom permite a participação de partidos nem sindicatos, pretende a troca de informação e experiências, a difusom das iniciativas locais para promover umha visom nacional das agressões ao património e a geraçom de

sinergias para enfrentar governos e empresas. Fam um chamamento à açom e à oposiçom cidadá perante umha situaçom em que “nunca os ataques fõrom tam sistemáticos nem contãrom com tam unânime silêncio político”. Citam um plano de aquacultura “pensado para as multinacionais”, a lei de minaria “que fai exploráveis todos os tipos de solo”, a agressiva planificaçom de portos desportivos, a lei de pesca que “pretende privatizar o marisqueio”, a proliferaçom de parques eólicos e hidroeléctricas, o urbanismo selvagem e Reganaso.

Na apresentaçom participãrom José Reigosa de Salvemos Monte Ferro, da Fundaçom Galiza Verde Mabel Rivera, o

membro do Comité de Emergência de Ferrol Alexandre Carrodegas e o representante da FEG Tino Quintela. Convocam umha manifestaçom nacional para o dia 17 de Fevereiro em Compostela, para exigir responsabilidades a quem tenciona “mal-vender” o País.

Mabel Rivera considerou que quando acontecer um sinistro na ria de Ferrol, por exemplo, nom estaremos perante um acidente, mas frente a um “atentado planificado e premeditado”, do que “alguém se terá que responsabilizar”. Declarou sentir-se atraioada e enfatizou a inexistência de oposiçom política na situaçom actual, polo que realizou um chamamento à acção da cidadania.

Explosivo destroça sede de umha imobiliária em Cangas do Morraço

Fontes policiais identificam a açom como a quarta sabotagem independentista contra interesses imobiliários desde o mês de Maio

REDACÇOM / Umha forte explosom destruía a sede de ‘Inmobiliaria do Morraço’ na madrugada de 15 de Novembro em Cangas do Morraço. Sem haver constância de aviso prévio, as informaçoms policiais apontavam a que a bomba continha cinco quilos de ‘cloraita’, hipótese que depois foi questionada pola própria investigaçom.

O atentado produziu-se horas antes da visita a esta localidade do subdelegado do Governo em Ponte Vedra, Delfin Fernández. O ministro espanhol do Interior, Alfredo Pérez Rubalcaba, matizava nom considerar a existência de um “novo foco” de violência mas “um ‘rebrote’ do que é umha actividade que vemos de quando em vez”.

Os interesses imobiliários temem sido objecto de diferentes sabotagens ao longo dos últimos meses. O atentado de Cangas contra umha conhecida empresa local continua a sequência de golpes violentos que a Delegaçom do Governo atribui a “grupos independentistas radicais” que a polícia insiste em enquadrar numha suposta organizaçom denominada “Resistência Galega”. Porém, o “Manifesto da Resistência Galega” difundido através da

Internet em 2005, negava precisamente que a violência independentista estivesse hoje dirigida desde umha única organizaçom, chamando à realizaçom de sabotagens de forma autónoma e descentralizada.

A empresa proprietária da agência atacada é ‘Activos Inmobiliarios do Morraço SL’. Dedicase à compra e venda de solares e imóveis, urbanizaçom, promoçom e construçom. O seu administrador é Manuel Chapela Molanes, apoderado também da construtora ‘Marítimo Rodeira SL’ que tem como actividade a obra pública e a privada.

Também em Cangas, no passado dia 9 de Maio aparecia umha panela de pressom com pólvora no interior das obras de umha urbanizaçom. Estava acompanhada por propaganda independentista que incluía a palavra de ordem ‘resistência galega’ e fora detonada de forma controlada pola Guarda Civil. Na mesma época eram colocados explosivos contra urbanizaçoms em Nigrám e contra ‘Construcciones Mon’ em Lugo.

Segundo informaçoms oficiais, trataria-se do oitavo ataque com bombas atribuído a grupos independentistas ao longo deste ano.

Paralisam depuradora de Vigo enquanto a vizinhança de Corujo se fecha na sala de juntas do governo municipal

REDACÇOM/ Umha vintena de integrantes da Comissom Vicinal contra a Depuradora de Corujo encerrou-se nas dependências da sala de juntas do governo viguês entre os dias 16 e 17 de Novembro. Coincidindo com a mobilizaçom, durante a madrugada, umha explosom na arqueta que fornece a electricidade da depuradora paralisava por 10 horas o seu funcionamento, afectando também centenas de casas. Segundo as testemunhas, pessoas descon-

hecidas teriam manipulado a instalaçom da Fenosa minutos antes do sucesso.

O presidente da Cámara Municipal de Vigo, Abel Caballero, negou-se a permitir a entrada de comida para as pessoas fechadas durante o encerramento, muitas delas de idade avançada. Celso Comesaña considerou o autarca “mais fascista que os fascistas”, nas suas declaraçoms à saída. Manifestou também a vontade de continuar a batalha até serem ouvidos e

salientou que os “inimigos do povo nom som os que actuam à noite, mas os políticos que se voltam contra ele”, por exemplo, “mantendo a actual depuradora na sua localizaçom”.

As denúncias contra a macro-depuradora do Lagares remontam-se a dez anos atrás polo forte cheiro que emite. Nos inícios de Novembro umhas trinta pessoas tivêrom que ser alojadas em hotéis por nom poderem permanecer nas suas casas. Umha semana antes do

encerramento, outro grupo de afectados fechavam-se nas dependências da depuradora denunciando o silêncio informativo em relaçom à suposta avaria que obrigou a sair das casas as pessoas próximas às instalaçoms. A Comissom Vicinal exige a aprovaçom de um plano de emergência para reagir diligentemente perante a situaçom quando o reiterado fedor volte a aparecer.

A agrupaçom da vizinhança de Corujo propom como alternativa

viável a construçom de várias minidepuradoras no curso do Lagares, afastadas dos núcleos de povoação e que permitam umha depuraçom progressiva e permanente. Denunciam que a construçom da actual despoluidora foi umha autêntica “chapuça” que nom cumpre com as directrizes necessárias para um correcto funcionamento. Ademais, nom se produz a separaçom prévia das águas fecais, pluviais e residuais na maior cidade da Galiza.

Breixo Lousada, responsável de comunicação do Movimento pola Base

“Temos vontade de colaborar com todos os colectivos que trabalhem pola superação do quadro jurídico-político imposto”



REDAÇÃO / Recentemente constituído como organização política, o Movimento pola Base (MpB) nasce como nova força independentista no BNG, com a intenção de “combater a deriva ideológica e organizativa e recuperar o seu perfil antissistémico”. Conversamos com Breixo Lousada Valdés, o seu responsável de comunicação e um exemplo da nova juventude organizada na frente nacionalista.

Com que possibilidades conta hoje um projecto independentista no seio do BNG?

A alternativa independentista é imprescindível tanto para o BNG como para o conjunto da sociedade galega, pois entendemos que é a única proposta de futuro viável e com garantias para solucionar os problemas do nosso povo. O BNG nasceu como umha frente de libertação nacional que aglutinasse todo o nacionalismo, fixando uns princípios mínimos de carácter soberanista em que a defesa de umha República Galega como a que nós fazemos encaixa à perfeição. Haveria que perguntar-se se o que tem cabimento no BNG é um projecto totalmente alheio à tradição e princípios da frente como é o autonomismo, que renuncie no seu discurso à defesa da autodeterminação nacional e mesmo chegue a legitimar o marco estatutário.

Que vos diferencia de iniciativas marxistas e soberanistas

anteriores, como o PCLN ou Primeira Linha?

Com total respeito por outros projectos, nom parece adequado tentar extrapolar experiências passadas ao momento actual. Cada projecto político há que analisá-lo no seu contexto, que obviamente tem mudado nestes anos. Nós somos umha iniciativa original, que aposta em novas formas de fazer política, contribuindo com análises inovadoras em relação ao modelo organizativo e à intervenção social. Por isso, é difícil equiparar-nos a nengumha experiência anterior, um debate pouco produtivo, pois para nós a libertação nacional nom é umha competição mas um objectivo comum polo qual havemos de trabalhar.

Quais som os vossos objectivos a curto e a médio prazo?

A curto prazo, reforçar a organização, formação e capacidade de trabalho, e a médio prazo, contribuir para o fortalecimento

dos movimentos sociais e soberanistas, construindo poder popular dia-a-dia e por baixo, a partir da coerência entre meios e fins. Trabalharemos para combater a deriva ideológica e organizativa do BNG e recuperar o seu perfil antissistémico, convertendo-o realmente numha referência para os movimentos sociais, que catalise as luitas populares e que faga da acção institucional um complemento do trabalho na rua e nom à inversa.

Queremos visibilizar a ideia de que existem maneiras diferentes de fazer política, recuperando o conteúdo entusiasmante, participativo e transformador desta palavra.

Em que medida pode afectar à vossa independência o facto de muitos dos vossos dirigentes serem assalariados das organizações nacionalistas maioritárias?

Fugimos de um modelo com dirigentes imbuídos de todo o saber e apostamos na horizontalidade e em modelos organizativos mais coerentes com a sociedade por que lutamos. Cada militante deve ser um dirigente que decide, opina, forma-se e informa. A maioria somos trabalhadores/as nos mais diversos sectores, e contamos com um bom número de estudantes. Temos umha importante presença no movimento operário por meio da CIG, e em consequência alguns companheiros e companheiras (e nom precisamente muitos) som assalariados da central, como é o meu caso. Além de que trabalhar na CIG nom é nengum privilégio, o compromisso da nossa militância quanto ao serviço à classe trabalhadora está fora de toda dúvida, e a sua trajectória avalia-a como insubornável. O nosso modelo organizativo escrupulosamente democrático é o melhor antídoto contra a

tentação de antepor o interesse pessoal ao colectivo, e se alguém aspirar a fazer carreira política ou a um lugar mais cómodo ao sol de algum sistema estabelecido de privilégios seria mui estúpido se procurasse abrigo no MpB.

Que tipo de relação pretendes ter com os sectores soberanistas à margem do BNG?

Temos vontade de colaborar de forma fluida e aberta com todos os colectivos que trabalhem pola superação do quadro jurídico-político imposto ao nosso país, e nessa linha estamos abertos a coincidir na acção diária com todo o mundo, partindo do respeito e a lealdade e mantendo a nossa autonomia. Assumindo isto, queremos priorizar o projecto político que compartilhamos por riba das siglas, fugindo de sectarismos estereis que em nada beneficiam o País.

Quais som as vossas principais potencialidades?

Contamos com um amplo leque generacional que combina muita mocidade com quadros com experiência em luitas e no trabalho de base, com umha importante introdução nos diversos movimentos sociais. Defendemos coerentemente um projecto político de libertação social que se corresponde com os interesses das maiorias, e temos vontade e capacidade para organizar politicamente um sector social até agora infravalorizado no nacionalismo. Pensamos que podemos ser um revulsivo para resgatar da apatia e o desânimo a muitos e muitas militantes e incorporar novos e novas compatriotas dispostas a lutarem sem ter que aguardar tempos melhores, e a começar a construir um futuro diferente, a avançar para à independência e o socialismo.

CRONOLOGIA

◆ 11.10.2007

Moço de 20 anos apanhado por um elevador de paletes no polígono da Uzeira (Carvalhinho)

◆ 12.10.2007

Estoura de madrugada umha antena ilegal da empresa Vodafone em Valadares (Vigo) contra a qual protestara repetidamente a vizinhança.

◆ 13.10.2007

Mayor Oreja afirma ao La Voz de Galicia que nom tem porque condenar o franquismo já que “foi a consequência de umha Guerra Civil em que houve dous bandos”. Também fala da “extraordinária placidez” do País Basco com Franco.

◆ 14.10.2007

Luis Alfonso Fernández Carrodegas, marinheiro de Vila Pol (Jove) de 51 anos, desaparece no Cantábrico a 190 milhas do Cabo Ortegal.

◆ 15.10.2007

Pedem dous anos de cadeia para José Manuel Quintana Rey, irmao da presidenta da cámara de Sam Tisso de Abres (do PP), acusado de ameaçar em 2003 com queimar a casa de umha ex-vereadora, passada ao grupo misto, se nom demitia no seguinte pleno.

◆ 16.10.2007

Trabalhadores da construção das comarcas ponte-vedresas ponhem fim à greve depois de conseguirem melhorias salariais (600 euros mais por ano) e da jornada laboral.

◆ 17.10.2007

Mais de 40% dos trabalhadores e trabalhadoras galegas afirmam que nom tivérom direito a férias de Verão no ano passado.

◆ 18.10.2007

A CIG-Administração acusa a Vice-Presidência de privatizar a selecção de pessoal das Galescolas para fazer delas “um chiringuito”.



www.inovagaliza.com
| desenho | comunicação | publicidade |





◆ 19.10.2007

Uniom do Gerês-Jurés inaugura a figura de espaço natural transfronteiriço e converte-se no maior parque da Europa.

◆ 20.10.2007

Um incêndio queima quinze hectares em Ponte Caldelas, no Outono mais seco da última década.

◆ 22.10.2007

Touriño mostra-se convencido de que a construción de habitación protegida paliará o decréscimo dos beneficios das construtoras, desvendando às claras o verdadeiro obxectivo desta.

◆ 23.10.2007

Responsáveis pola Reganosa afirmam que “nom é necesario que esteja activado” o plano de emerxencia para que a fábrica poda desenvolver o seu traballo con normalidade.

◆ 25.10.2007

A Pescanova acumula 30 multas e umha ordem de derrube da Conselharía da Política Territorial polo viveiro de piscicultura de Oia que Pesca quer agora ampliar.

◆ 26.10.2007

Derrubadas duas favelas do Vao sem un realojamento definitivo para as familias.

◆ 29.10.2007

Ferido grave um topógrafo ao ficar preso num túnel das obras do TAV em Amoeiro.

◆ 30.10.2007

45.000 pessoas galegas, 60% delas menores de 34 anos, emigráron em 2006 dentro do Estado espanhol.

◆ 31.10.2007

Ferido grave em Návia um trabalhador portugués da empresa Construgómez enquanto trabalhava nas obras da A-8.

◆ 1.11.2007

Água da poça “milagreira” de Alhigal de Codesido (Vilalva), junto à qual a Fadesa construiu um hotel com spa, regista um alto nível de poluição por resíduos fecais.

◆ 2.11.2007

Registos civis da Corunha e Vigo permitem a inscriçom em galego pola primeira vez, décadas depois



Cinco anos depois do 'Prestige' Galiza continua sem planos efectivos de prevençom

Falta de meios, ausência de protocolos preventivos e permanência da descoordenaçom

REDACÇOM / Já passáron cinco anos desde que a 13 de Novembro de 2002 um petroleiro chamado Prestige tingiu de preto as costas do nosso país e, no entanto, continuam registando-se hoje os mesmos problemas que naquela altura: descoordenaçom, falta de meios materiais e humanos, ausência de protocolos e mecanismos preventivos.

A descoordenaçom continua no que di respeito à prevençom. Nos dias de hoje, se acontecer um sinistro similar, nom se conhece quais som os lugares de refúgio aonde se devem dirigir ou devem ser rebocados os navios com problemas. Tampouco se defini-

rom os centros de armazenamento do combustível para o caso dos petroleiros.

Outras carências temem a ver com a proteçom activa e passiva. Na actualidade, no litoral galego continua sem haver barreiras antipoluiçom. No que di respeito à activa, a Galiza continua sem ter um navio anticontaminaçom, de tal forma que em caso de catástrofe o mais próximo geograficamente estaria situado em Brest —na Bretanha—, como já foi denunciado no Parlamento.

A falta recursos materiais e humanos é outra carência que agrava os efeitos da centralizaçom. O plano estatal para o

Salvamento marítimo, orçamentado com algo mais de mil milhons de euros, dedica 90 por cento à dotaçom de novos efectivos, mas na distribuiçom das despesas o nosso país continua discriminado. Deste modo, enquanto o Estado duplica a frota de helicópteros, na Galiza continuará a haver só um, o veterano Helimer — de quase 40 anos — que asinha será substituído por um aparelho novo. Igualmente, o número de rebocadores reduz-se de três a dous, enquanto no resto do Estado aumentam.

Falta de competências

Outro aspecto de preocupaçom e sobejamente debatido é

que a Galiza carece das competências em matéria de Salvamento Marítimo. A situaçom traz para o nosso país um grande número de inconvenientes. O primeiro, o da coordenaçom e efectividade, já que a centralizaçom fora da Galiza implica um alto número de trâmites antes de cada açom, o que impede atender devidamente as ameaças potenciais. Em frente às costas galegas continuam a circular mais de 40 mil navios, uns 13 mil com mercadorias perigosas, e da maioria nem se conhece a sua procedência. Som os chamados 'navios pirata' que transitam com bandeiras de conveniência, como o Prestige.

Acusam o bipartido de atribuir 23 milhons ao PP em gastos próprios para a Cidade da Cultura

REDACÇOM / A plataforma ‘Cultura Sim, Mausoleu Nom’ denuncia que das despesas comprometidas que atribuem ao PP em 2005, 476 milhons de euros, 23 estão destinados a “incidências previsíveis” como os gastos derivados da paralisaçom temporária das obras e a redefiniçom dos conteúdos do Gaiás. Este montante seria responsabilidade do governo PSOE-BNG, que optou por dar umha nova formulaçom ao projecto.

Num comunicado silencioso polos diários destacam que o bipartido oculta as importantes despesas correspondentes aos seus passados anos de governo. Nos orçamentos de 2008 o presidente Pérez Tourinho anunciou destinar

46 milhons ao projecto, nos quais nom incluiu os 8 milhons que irá gerir a Fundação Cidade da Cultura, assinalam na plataforma.

Denunciam que estão por contabilizar os gastos das ligaçom da autoestrada com as estradas dirigidas ao Gaiás, assim como os necessários para dotar de conteúdos as edificaçom. As consultoras com que trabalhou o PP calculavam que a quantia anual para a manutençom atingiria entre 50 e 60 milhons de euros. Com base nas estimaçom do colectivo, a Cidade da Cultura poderá significar investimentos globais em torno dos 600 milhons de euros, 150 mais que os atribuídos à planificaçom do Partido Popular.

Estudantes boicotam um acto de promoçom do exército espanhol em Ponte Vedra

REDACÇOM / Umha dúzia de estudantes conseguiram interromper um acto de promoçom do exército espanhol na Faculdade de Ciências Sociais de Ponte Vedra no dia 13 de Novembro. Os activistas exibiram umha faixa frente aos conferenciantes com o slogan “Fora o exército espanhol da Universidade e da Galiza” o que produziu momentos de tensom com os militares presentes no público, que finalmente decidiram abandonar a sala após ter fotografado os estudantes.

A jornada militarista tinha sido organizada por professores em colaboraçom com o Ministério espanhol da Defesa para promover as campanhas militares com o título “Políticas de Segurança no

Marco da Cultura de Defesa”. Iam intervirm representantes do Exército espanhol e do CNI. O público assistente compunham-no efectivos da marinha espanhola, com “presença nula de estudantes”, conforme a comunicaçom consultada.

A organizaçom juvenil Briga tinha denunciado nas semanas prévias a organizaçom do acto militarista, denunciando como “escândalo” que os espaços públicos da capital provincial “se vejam ocupados cada pouco” pelas tropas militares espanholas. Três jovens independentistas estão pendentes de serem julgados por “injúrias ao Exército” e “mau trato” por responderem aos actos organizados pola BRILAT em Julho de 2006.

Insistem em que o Ministério da Indústria pode paralisar Reganosa sem indemnizações

REDACÇOM / O Comité de Emergência para a Ria de Ferrol assegura que a concessão da acta de começo do funcionamento concedida à Reganosa pelo Ministério da Indústria não implica a legalização da sua actividade. O porta-voz da plataforma, Carmelo Teixeira, incide em que os organismos competentes poderiam paralisar a fábrica de gás mesmo sem indemnizar a empresa por estar localizada junto a vivendas e não apresentar garantias suficientes para permitir a saída dos navios gaseiros perante qualquer acidente, pelas características da ria ferrolana. Estes requerimentos formam parte da Lei de Hidrocarbonetos.

Solicitam a nulidade do processo de aprovações, que não contém com informes válidos de impacto ambiental, por desrespeitarem a legislação em vigor e por existirem duas sentenças contrárias à Reganosa emitidas pelo Tribunal Superior da Justiça da Galiza. A Junta recorreu delas e estão pendentes de resolução por parte do Tribunal Supremo.

Carmelo Teixeira destaca que a licença de actividade definitiva deve ser concedida pela Câmara Municipal de Mugarbos e aguarda que a vereação municipal seja "sensível à legalidade e à justiça social não concedendo essa licença, pelo menos até que se resolva o recurso". Insiste em que a via administrativa "nunca se pode dar por terminada" perante os riscos que implica a fábrica, pelo que "antes de que ocorra uma catástrofe com milhares de vítimas, um governo responsável terá que tomar a decisão de paralisar a sua actividade".

Pela sua parte, a plataforma vicinal O Cruzeiro de Meá deu por concluído o fecho que mantém na sala de plenos da Câmara de Mugarbos no passado dia 10 de Novembro, depois de permanecerem durante 111 dias em protesto contra a presença de Reganosa na sua paróquia.

O Comité de Emergência anunciou que nas próximas semanas vai apresentar em Bruxelas uma nova denúncia por desrespeito da Directiva Sveso II ao se ter iniciado o fun-

cionamento da fábrica. Esta norma estabelece uma distância de segurança de dois quilómetros das casas por parte deste tipo de instalações. Por outro lado, o Ministério da

Indústria solicitou um terceiro relatório aos organismos que autorizaram a sua construção, a primeira vez que acontece perante a implantação de uma regasificadora.

Desvendam mentiras de La Voz

REDACÇOM / O blogue de um cidadão mugarbês contradiu com rigor as informações falsas lançadas por La Voz de Galicia no passado dia 5 de Junho em que se assinalava a existência de um bom número de regasificadoras em condições similares às de Reganosa na Europa. As oito centrais referidas fora do Estado espanhol ou não existem ou não estão próximas dos núcleos populacionais que o diário indica.

Como exemplos a destacar, as instalações de Gdansk na Polónia não foram autorizadas pelo seu governo; no caso de Brindisi, na Itália, o executivo retirou recentemente a autorização de construção, enquanto a

central de Zeebrugge na Bélgica não está na cidade de Bruxas como assegurava La Voz, mas num porto exterior com os tanques de armazenamento soterrados.

Os sectores mobilizados contra a presença da Reganosa no interior da ria denunciam continuamente o papel 'seguidista' do diário mais lido da Galiza em relação aos interesses dos promotores. O documento, elaborado por Ferrol-Cape, pode ser consultado no endereço <http://artritis.blogspot.com>, onde inclui um completo documento em que analisa uma por uma as inexactitudes não rectificadas sobre a situação das regasificadoras na Europa.

O lume intensifica-se no sul do País e afecta o parque natural do Gerês

Queimada no mês de Novembro mais de metade da superfície que no resto do ano

REDACÇOM / Mais de 1.600 hectares ardêram durante a primeira quinzena de Novembro, um número que supera metade da superfície ardida no resto do ano, se bem que a maior parte afectasse monte não florestal. A informação oficial aponta à queima de pastagens e actividades vinculadas à caça como as causadoras dos fogos, ainda que também se produziram detenções de pirómanos.

Os incêndios de maior gravidade afectaram a Serra do Gerês, tanto em território galego como português, com diferentes focos e ao longo de vários dias. Conforme o presidente da Câmara Municipal de Entrimo,

Ramón Alonso López, na zona da Baixa Límia teriam sido queimadas um total de 300 hectares de monte baixo. E segundo o regedor de Chandreja seriam 4.000 as hectares arditas no Maciço Central.

Só no dia 8 de Novembro a província de Ourense sofreu a incidência de 36 focos de lume, enquanto quatro dias depois eram 12 os incêndios que se propagavam na mesma área geográfica. No âmbito da Galiza administrativa, foram registados fogos nos municípios de Rairiz de Veiga, Rubiá, Sam João de Rio, Chandreja da Queixa, Laça, Vale d'Eorras, Salvaterra, Mós, Moanha, Tui,

Estrada, Lalim, Guarda, Mesquita, Verim, Junqueira de Ambia, Riós, Monte de Ramo, Calvos de Randim, Caniça e Castro Caldelas, entre outros.

Dous brigadistas que participaram na luta contra os incêndios durante o Verão indicavam ao Novas da Galiza que não foram solicitados reforços especiais para os incêndios provocados na Baixa Límia. As consultas desta publicação ao Parque do Gerês e ao Distrito 15 de Bande não receberam respostas e remetêram as perguntas à Conselheira do Meio Rural. No seu gabinete de imprensa indicam que as medidas toma-

das perante a ausência de chuvas nesta época de ano consistiram em renovar as contratações dos trabalhadores efectivos descontínuos. Indicam também que estão a trabalhar pessoas dependentes tanto da Conselheira como da empresa SEAGA e dizem que contam com os efectivos necessários para enfrentarem os riscos em vigor, tanto humanos como materiais.

No fecho desta edição, a 17 de Novembro, registavam-se no mesmo dia 56 focos incendiários, 41 deles no termo da província de Ourense. No total afectaram 116 novas hectares por causa do lume.



da 'oficialidade' da língua.

◆ 3.11.2007

68,7% das famílias galegas recebem algum tipo de subsídio público.

◆ 4.11.2007

Auditoria pública desvenda 2,2 milhões de euros em números vermelhos na Zona Franca de Vigo.

◆ 5.11.2007

Movimento pola Base anuncia que se absterá na escolha de cabeça de lista do BNG para as eleições estatais, ao entender que houve uma manobra para 'publicitar' os candidatos propostos antes de se discutirem no Conselho Nacional e que a militância é obrigada a decidir sobre um "facto consumado".

◆ 6.11.2007

Xosé Ramón Piñol, fiscal do TSJG, afirma no Rádio Galega que por detrás do Gaiás pode estar a maior fraude da história autonómica da Galiza.

◆ 7.11.2007

Reganosa obtém a licença definitiva para a fábrica de gás na ria de Ferrol.

◆ 8.11.2007

Fiscalia de Ferrol solicita que sejam chamados a declarar, como imputados na causa das obras da praça de Espanha, os 13 vereadores da anterior vereação local, governada pelo PP e Independentes por Ferrol.

◆ 9.11.2007

Secretário Geral de Cultura, Carlos Amoedo, acusa o governo anterior de ter realizado uma compra maciça de destruidoras de papel antes de abandonarem a Junta.

◆ 10.11.2007

Conclui o encerramento contra a Reganosa depois de 110 dias na casa do concelho de Mugarbos. Porém, os protestos contra a fábrica vão continuar, segundo a vizinhança.

A REIXA
rua tras de salome
santiago

Livraria A Palavra Perduda
Rua Castanhos 13 R/C. (esquina Pelamios)
15705 - Santiago de Compostela
Tel: 981554945 / Fax: 981554932
E-mail: perduda@enterbook.net

Roupa e complementos
ABANADO
Rua cervantes 19 vigo

AURIENSE
café cultural
ourense
CAFEAURIENSE@TERRA.COM
PRAZA DO CORREXEDOR, 11
TLF. 988 222 536

CASA DAS CRECHAS
Via Saera, 3-13704 Compostela
info@casadascrechas.com



INTERNACIONAL



ANDA NERVOSO O BOURBON 'CAMPECHANO'

Desde que o juiz Del Olmo ordenou seqüestrar a revista "El Jueves" por injúrias à Coroa e se começaram a queimar retratos régios, o Bourbon nom para de aparecer na imprensa fazendo que trabalha, presidindo actos de todo o tipo, visitando as colónias de Ceuta e Melilha,

e mostrando o seu patriotismo empresarial na cimeira ibero-americana; parece que quer aparentar ser um imprescindível defensor dos interesses do Estado espanhol, nom venha a ser que tenha que ir para o desemprego com toda a família mais cedo do que tarde.

DUARTE FERRÍN/Juan Carlos anda muito nervoso, ainda que o seu património supere os 1.700 milhões de euros, e apesar de que receberá no próximo ano mais de 1.400 milhões de pesetas para gastos, para ele e a sua estupenda família, que nom temem que justificar e som de livre disposição do monarca. Isto em troca de assistir a festas, esquiar, navegar, atentar contra espécies protegidas, abusar da sua posição privilegiada, relacionar-se com ditadores, genocidas e com outras monarquias feudais, enriquecer-se e multiplicar-se alegremente.

Na visita de Juan Carlos de Bourbon e a sua mulher às colónias de Ceuta e Melilha o governo e as câmaras de comércio uníform todas as suas forças para que fosse um êxito. Esgotáram as bandeiras espanholas, dérom aos funcionários o dia livre e fechárom os centros escolares e os comércios para fomentarem a participação da população.

Na Cimeira Ibero-Americana parece que o rei, pola primeira vez, dixo algo espontâneo que previamente nom fora escrito por nungum assessor, mas era umha boa oportunidade para ficar como um defensor dos interesses espanhóis e legitimar o seu posto vitalício. Ocasim que aproveitou, assessorado ou nom, para 'dar a nota' com a cumplicidade de toda a imprensa oficial espanhola.

Esta imprensa, que se escandaliza perante o qualificativo de "fascista" lançado por Chávez a Aznar, nom respondeu da mesma forma quando este chamou a Chávez "novo ditador", falou de umha suposta "volta ao nazismo", denunciou o "enorme perigo para a América Latina" que significava a Venezuela, acusou o pre-

sidente venezuelano de ser um defensor do "abuso, a tirania e o empobrecimento", entre outras muitas expressões semelhantes. Aznar, ademais, apoiou um golpe de Estado para derrubar Chávez e instaurar umha ditadura militar. Perante todo isso, é lógico que Chavez qualifique Aznar de 'fascista'.

O facto de que Zapatero e o Bourbon saiam na defesa do genocida Aznar por chamá-lo fascista é porque os três apoiam a exploração da América latina pondo todos os recursos do Estado em prol da penetração das multinacionais espanholas.

O monarca, único chefe de Estado nom eleito na cimeira, ofende-se quando Daniel Ortega critica o papel da transnacional espanhola Unión Fenosa na Nicarágua, talvez ignorando que o próprio monarca é sócio da Fenosa e tem valores na 'máfia' que controla o negócio da electricidade em vários países latino-americanos. Temos um monarca que se enche de gozo e satisfação perante a avidez e a rapina das empresas espanholas.

O monarca ergue-se e abandona a sala, mas o normal seria que se fosessem todos os representantes dos países americanos, deixando sós o Bourbon e Zapatero em protesto polos abusos que cometem as empresas espanholas nos seus países e o trato que recebem os emigrantes latino-americanos no Estado. Mas nom, é o senhor Bourbon quem se enfada numha atitude colonialista, despótica e antidemocrática. O governo espanhol nom fai mais que legitimar actuações de empresas que escondem violaçõs de direitos humanos e graves impactos ecológicos fora das nossas fronteiras.

Existem numerosos conflitos aber-

tos, e documentados, de violaçõs de direitos humanos por parte de empresas espanholas como a Unión Fenosa, Repsol-YPF, Endesa, ENCE, AGBAR, BBVA, etc.

A política pública exterior do governo espanhol está exclusivamente centrada na defesa dos interesses económicos espanhóis, por muito que falem de lutar contra as desigualdades na América Latina.

Este monarca tam complacente com Bush ou com os reis da Arábia ou de Marrocos, é incapaz de lhe dizer ao presidente norte-americano a mais mínima palavra contrária à infame agressão contra o Iraque que causou centos de milhares de mortos, mas perde os papéis perante umha bem fundada acusação contra um nefasto ex-presidente espanhol.

Por outro lado, o juiz da Audiência Nacional espanhola, José María Vázquez Honrubia, declarou culpados o desenhador Guillermo Torres e o guionista Manel Fontdevila de um delito de injúrias ao Príncipe herdeiro, tendo de pagar cada um 3.000 euros de multa, com pena de cadeia substitutiva em caso de falta de pagamento.

Ainda, em 2007, temos leis medievais que sancionam o questionamento da monarquia; por isso som censuradas publicações, e som levados ao cárcere os que queimam retratos. As ofensas à família real estão castigadas com penas de até dois anos de cárcere.

Todos somos iguais perante a lei, excepto a família real, que carece de responsabilidade política e jurídica.

Segundo a Constituição espanhola, a pessoa do rei é inviolável e nom está sujeita a responsabilidade. O rei é o símbolo da desigualdade.

NOVAS DE ALÉM MINHO

Medicina alternativa

"DUVIDO QUE MAIS DO QUE MEIA DÚZIA DESTES ALUNOS QUE VÊM PARA 'ESPANHA' TENHAM CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DO GALEGO, E MUITO MENOS DO REINTEGRACIONISMO"

ANA PAZ (LISBOA) / Desde

há muitos anos tem sido prática corrente dos estudantes portugueses que têm pretensão a seguir um curso superior de medicina ir a instituições do Estado espanhol procurar essa formação. Em Portugal, abriram este ano 1.400 vagas para o ingresso aos cursos de medicina e as médias para entrada são altíssimas: o aluno com a nota mais baixa deu entrada na Região Autónoma da Madeira com 17,75 (escala de 0 a 20). E não é só isso. Um aluno termina a sua formação básica após seis anos, mais cinco anos de especialidade e após um ano de estágio tutelado. Com tudo isto, chega-se a médico ou médica, na melhor das hipóteses, com cerca de 28 anos. Esta é a razão pela qual o Estado português se vê na obrigação de contratar jovens do Estado espanhol.

Esta é também a razão pela qual, desde Junho do corrente ano de 2007, os jornais portugueses terem vindo a alertar para a fuga de estudantes para Espanha. Mas eis que me chama a atenção: agora uma grande percentagem procura a Galiza. E há aqui uma questão linguística.

A Lei espanhola de 10 de Maio de 2007, aprovada em Madrid ao abrigo do Processo de Bolonha e extensiva a todo o território do Estado, veio tornar possível que os estudantes da União Europeia não sejam submetidos a provas linguísticas de castelhano para entrada, bastando apenas a nota de candidatura. Somente as Universidades da Andaluzia e da Extremadura aplicaram a prerrogativa de continuar a pedir esse exame linguístico. E assim chegaram os portugueses aspirantes a médicos à Universidade de Santiago de Compostela. No ano passado, conta-se que acederam apenas dois alunos, ao passo que este ano, as matrículas foram cinquenta, um sexto do total

das vagas!

Fala-se em 'invasão lusa' dos dois lados da fronteira. Os galegos e galegas que se viram impossibilitados de entrar formaram uma "comissão de não admitidos" e o resultado para o ano que vem pode vir a ser o aumento das vagas. Porque as 300 vagas da Universidade de Compostela são fixadas a nível do Estado espanhol, em relação com os hospitais para a abertura e acompanhamento das especialidades e o que agora aconteceu é já irreversível.

Todas estas questões da planificação universitária são todavia apenas o prelúdio para chegar onde nos importa: o reinte-gracionismo. Duvido que mais do que meia dúzia destes alunos que vêm para 'Espanha' tenham consciência linguística do galego, e muito menos do reinte-gracionismo. A Galiza é uma escolha natural por razões de proximidade, para uma parte da população portuguesa. Do galego, já se ouviu falar, uma coisa medieval que se dava na escola. Outros tempos e já remotos, para os jovens aspirantes. Se existe uma lei que permite que dominem apenas o português no momento da entrada, tanto melhor. Dominarão sem problema o 'espanhol' e o 'galego', isso já o dizia José Ramón Leis Fidalgo, o director Geral de Ordenamento e Qualidade do Sistema Universitário da Galiza.

Parece-me uma equação fácil de realizar. Se existe um contingente de falantes portugueses que vão ficar a viver na Galiza durante pelo menos os anos do curso de Medicina, ficarão até que aprendam eles a falar o galego oficial, convencendo-se de que esse é o galego? Ou procurar-se-á fazer uma sensibilização a esta população e até mesmo usar os seus conhecimentos para o reinte-gracionismo? O ano lectivo acaba de começar...

PALESTRA

Prostituição: abolir ou regular?

MILITANTES FEMINISTAS OFERECEM AS SUAS PERSPECTIVAS A RESPEITO DESTE CONTROVERSO DEBATE

NGZ/ Recuperamos um intrincado debate de difícil síntese. Perante a problemática gerada à volta da prostituição, qual é a solução mais apropriada? Regulá-la para dotar de direitos as prostitutas ou aboli-la para evitar com leis que se produzam os abusos que gera? Duas feministas expõem as suas argumentações, destacando os pontos fortes que defen-

de cada uma das posições. No seio do nacionalismo ainda não se pode dizer que exista uma tendência dominante; antes parece que o debate continua tão enquistado como anos atrás, perante a impossibilidade de soluções intermédias. NOVAS DA GALIZA volta ao rego para dar voz às diferentes posturas e clarificar o que cada uma delas propom.

Prostituição: sexo, mentiras... e muito dinheiro

MÓNICA GONÇALVES

ESTÁ BEM COMPRAR SEXO A QUEM SE VENDE PORQUE O NECESSITA? O QUESTIONADO É QUE O FAGAM OS HOMENS NUM MUNDO ONDE CONTINUAM NO PODER

Uma realidade invisibilizada mas evidente aos gritos, envolvida numa aranha de mitos, tabus, interesses... e várias mentiras fundamentais.

Mentira primeira: o ofício mais antigo do mundo -mesmo se a primeira prostituição foi a 'sagrada', antes que putas as mulheres foram sacerdotisas, mediadoras entre a humanidade e a divindade feminina (ainda hoje os padres cristãos vestem saias...). Hábil truque do sistema, colocarnos desde o primeiro momento na posição de servir, ser Evas e putas, como se as Lilith e as deusas nunca tivessem existido.

Uma outra mentira: sexo livre! Ter sexo com alguém que não o deseja não é uma expressão da sexualidade humana, é uma expressão de poder, e por isso faz parte da sexualidade masculina. E milhares de homens fazem a diário o que não podem fazer ou dizer a outras mulheres, dominar, às vezes subtil e outras brutalmente. Se tendes reparado nas mensagens da maioria das canções de amor, vereis que são uma penosa manipulação da realidade; como o modelo oficial de sexualidade masculina (e feminina) também é. Estão os homens dispostos a fugir dos seus próprios estereótipos? De momento parece que não...

Terceira mentira: abolir é proibir. E proibir a prostituição é como pôr diques ao mar, e condenar à clandestinidade perpétua umas mulheres que existem e existirão. Mas não é a mesma coisa, nem se parte dos mesmos supostos. Assim como a prostituição não nasceu com a humanidade, não tem que morrer com ela; como tampouco o matrimónio, por exemplo. Ambos nasceram com uma forma concreta de organização social, o patriarcado, que queremos abolir, que desapareça. Claro, isto é utopia... mas é a que defendemos face a um mundo simplesmente inaceitável.

O abolicionismo não tenciona proibir castigando as prostitutas, mas terminar

com uma procura, um privilégio, com uma expressão mais do poder que os homens exercem sobre as mulheres. Neste modelo a lei castiga a quem procura e oferece alternativas às mulheres; na Suécia 60% das prostitutas acolheram-se a ajudas integrais para mudarem de actividade. Mas no mundo globalizado em que estamos, o negócio deslocou-se aos países vizinhos. Na Holanda, onde foi legalizada, diminuíram os bordéis e aumentou o tráfico de mulheres sem regularizar, como também a prostituição infantil.

Julgamos as mulheres que se prostituem porque está mal "vender o corpo"? E cada quem é livre de fazer o que quiser com o seu corpo, isso diz o feminismo! E com o corpo das demais pessoas? Está bem comprar sexo a uma pessoa que se vende porque necessita de dinheiro? A liberdade que nós questionamos não é a de vender, é a liberdade de comprar dos homens num mundo onde continuam a ter o poder. Pode haver uma prostituição justa, num mundo onde as mulheres não somos cidadãs plenas? Pode haver uma prostituição livre num mundo onde o máximo valor é o económico? As realidades concretas das mulheres prostituidas não têm porque ser sempre de tragédias pessoais, vítimas de todos os males sem controlo sobre a sua vida; mas o que sabemos todas e todos é que quem paga, manda (outra 'lei de vida'). O dinheiro move o mundo, move as mulheres de países empobrecidos para serem 'consumidas' no mundo rico, e homens do mundo ocidental para consumirem sexo (mulheres, homens, crianças) nos países de origem com maior facilidade.

Como dizia um lema das Mulheres Nacionalistas Galegas há muitos anos: "Entre o sim à prostituta e o não à prostituição, só cabe uma revolução!".

Mónica Gonçalves é militante de Mulheres Nacionalistas Galegas

Direitos para as prostitutas, porque nom?

NANINA SANTOS CASTROVIEJO

IMPORTA QUE AS TRABALHADORAS DO SEXO SE CONSTITUAM COMO SUJEITOS DE DIREITOS PARA GANHAREM PODER E ASSIM MELHORAREM AS SUAS CONDIÇÕES

É difícil entender que haja quem recuse os direitos que reclamamos para qualquer pessoa trabalhadora às mulheres que exercem a prostituição. Acaso não são elas trabalhadoras? Não trabalham? Mesmo para quem pensa que esse trabalho não deve existir. Enquanto existir e ocupar milhares de pessoas, maioritariamente mulheres, que fazer? Mantê-las em situação de 'nom'?

Pode-se admitir que, dado que um sector da população -tam grande como se quiser- não gosta de que as mulheres exerçam sexo comercial, as trabalhadoras do sexo sejam privadas de direitos?

Lembro quando lutávamos (1976 em diante) polo divórcio e polo aborto livre. Havia sectores sociais que se opunham, nomeadamente no caso do aborto - que identificavam com assassinato.

O modo de raciocinar não é agora diferente. Como eu não estou de acordo (porque a prostituição é violência contra as mulheres, é uma forma de escravatura, é...), não podem ser regulamentados os direitos das trabalhadoras do sector. Que se arranjem!

Que continuem a ser invisíveis e que continue oculta a responsabilidade que na sua exploração e nas duras condições de vida e trabalho, designadamente as migrantes, tenhem diversos agentes sociais (nom só as redes, máfias e proxenetes, únicos invocados) tais como administradores, políticos, donos de negócios, polícias, advogados, comerciantes e evidentemente, também, as associações assistenciais que vivem disto.

Primeiro e principalmente, é preciso acometer a protecção das mulheres que trabalham no sector através do reconhecimento dos seus direitos e de ir quebrando o estigma -mácula perpétua que arrasta a prostituta.

A existência generalizada da prostituição feminina é uma consequência da desigual distribuição dos recursos económicos por género (como o trabalho doméstico). A presença maciça de imigrantes

confirma-o. O acesso à prostituição é uma via sempre aberta. Uma opção económica. Um trabalho pior visto e melhor pago. E como é rentável usa-se o estigma para "a desalentar".

Porque é permitido às mulheres proporcionarem sexo grátis e nom, porém, negociarem o sexo sem desafiar um bom número de leis reais ou simbólicas?

Se quase todas as pessoas vendemos algo para podermos comer, porque vender sexo é considerado o pior?

É indigno o sexo excepto quando se fai por amor e com sentimentos 'puros'?

E quando se fala de punir os clientes -privando as prostitutas dos seus meios de vida- a pergunta é: 'que pode haver de mau em procurar sexo?' E se nom o obténs de forma gratuita, o que é criticável do facto de o pagares, sempre que cumprires os tratos?

A questom da prostituição é complexa e nom é um fenómeno homogéneo. É esse prisma de que nos fala Gail Pheterson, através do qual se obtém um olhar diferente do funcionamento da cultura.

Brevemente:

1. A questom da prostituição interessa a todas as mulheres. Às feministas em particular. As prostitutas são mulheres.

2. O estigma das putas é "uma maneira socialmente desenvolvida de todas sermos controladas" (JULIANO:2002).

3. Importa que as trabalhadoras do sexo se constituam como sujeitos sociais e de direitos e que o reconhecimento dos seus direitos sirva para lhes dar poder e assim melhorar as suas condições de vida e trabalho e que isso repercuta na sua afirmação pessoal e na normalização das suas actividades.

4. Liberdade para as mulheres, para fazer do nosso corpo e do nosso sexo o que nos apeteça sem que Igreja, ciência, Estado... falem e decidam de nós e por nós. Nem para nos salvar nem para nos redimir.

Nanina Santos forma parte da redacção de ANDAINA, revista galega de pensamento feminista



ENTREVISTA

“É necessário que a gente saiba que tem poder para mudar a realidade que nos querem impor”

XOSÉ LOIS VILAR, PRESIDENTE DA PLATAFORMA SOS GROVA, DEFENDE A CONSERVAÇÃO DA RIQUEZA NATURAL DA SERRA

XABIER XIL / A Serra da Grova abrange as comarcas do Val Minhor e do Baixo Minho. É um território livre até hoje de qualquer tipo de poluição industrial e paisagística. Trata-se de um lugar cheio de mámoas, petróglifos e mais restos arqueológicos e etnográficos, e com umha grande riqueza ecológica e paisagística onde habita a maior reserva de cavalos de raça galega e com treze espécies de aves silvestres protegidas e três de morcegos. Mas também

é o lugar onde a empresa Eurovento pousou os olhos para projectar o parque eólico Alvarinho I, que já no nome deixa claro que pretende que seja o primeiro, mas nom o último. Falamos com Xosé Lois Vilar, arqueólogo e historiador, bom conhecedor da Serra da Grova e presidente da plataforma SOS Grova, para que nos explique a situação do movimento vicinal contra o projecto. Ele dá-nos as chaves do conflito, e também as soluções.

Como se entende que alguém pretenda instalar um parque eólico das características do Alvarinho I num conjunto etnográfico, arqueológico, ecológico e paisagístico como a Serra da Grova?

Pois porque esse parque eólico nom o instalamos os vizinhos do Val Minhor. Se a sociedade civil e política do Val Minhor decidisse ser autárquica energeticamente, nós decidiríamos onde e como queremos instalar este parque eólico danificando o menos possível o meio natural. Polo contrário, o que vem para a Serra da Grova é umha empresa que se chama Eurovento, na qual participa com 50% Acciona, de Fenosa, e com outro 50% umha empresa de investimento japonesa. Entóm, tanto lhes dá montarem cá um parque eólico como pôr zumha barragem de produçom eléctrica no Vale do Bio-Bio, no Chile, expulsando dali milhares de índios mapuches. É o grande capital que se nos está a meter nos terreios mais baratos da Galiza, que som os montes.

Mas esses montes nom som terreo industrial, ou?

Nom som terreo industrial, mas eles som-che mui cucos; o problema de base da instalaçom de parques eólicos encontra-se na legislaçom, porque no Plano Eólico do governo de Fraga de 1997, e por meio do decreto 302/2001, este tipo de iniciativas som declaradas de utilidade pública. E nós dizemos que de utilidade pública seria se os vizinhos consumíssemos a electricidade que se gera. Mas a Galiza produz nestes momentos 28.000 megavátios de potência, dos quais som exportados 8.000, de maneira que deixa de ser um bem de utilidade pública para a nossa naçom e converte-se numha mercadoria da qual os únicos que tiram proveito som os empresários.

E que tenhem a dizer as câmaras dos concellos afectados?

Como muito emitem um relatório, se querem, e nom vinculante. Isto vem de cima e chamam-se Planos Empresariais de Produçom Eólica, que solicitam instalar-se nos terreios mais baratos que há.



Xosé Lois Vilar: “O relatório de impacto arqueológico e etnográfico fai-no a mesma empresa, e esse é o primeiro ponto que há que reformar”

Como som recebidas as reivindicaçons de SOS Grova por parte das diferentes agrupaçons políticas?

De diferentes maneiras: em Oia temos umha resposta parcial do presidente da Câmara, dizindo-nos que nos vai chamar depois de tentar falar com ele cinco vezes; em Baiona houvo um acordo plenário de todos os grupos políticos da oposiçom ao parque eólico; em Nigrám, já se pronunciárom vários grupos e no vindouro dia 28 de Novembro votarám também contra o parque; e estamos à espera de Gondomar e Tominho, onde ainda nom exteriorizárom as suas posturas.

Em que altura estamos do processo de licitaçom do parque eólico?

O processo vai ser longo, graças a que SOS Grova tornou público este projecto, porque essa é outra: é impensável que no século XXI se vaia instalar um parque eólico num território como o da Grova e a sociedade civil nom saiba nada. Nós já o dixemos aos políticos de turno. Os técnicos municipais e os da Junta tenhem a obrigaçom de irem às aldeias informar do macroprojecto que irá no monte, e nom me vale de nada que ponham a escusa de que sai no DOG. Porque o que nom se pode admitir é que tenha que ser a sociedade organizada a que faga o trabalho que corresponde aos políticos. E o que ainda é mais grave: o argumento

que há dous anos empregava Ánxe-la Bugallo para defender na Europa a candidatura do património imaterial galego-portugués (toponímia que ficará dilapidada polo parque, restos arqueológicos, mesmo a maior reserva de cavalos de pura raça galega e que há na Grova) agora nom serve, e pretendem dar cabo disso com um parque eólico. Como se explica esta contradicçom? Ademais, este plano contradi sete directivas europeias referidas à proteçom de aves, anfíbios e morcegos e, por se fosse pouco, afecta aquíferos dos quais se abastecem as freguesias todas.

Som conscientes as comunidades de montes do Val Minhor da importância da Serra da Grova? Sabem realmente o que tenhem entre as maos?

Nom. A sociedade civil está totalmente desinformada, que é o que interessa ao grande capital e ao Estado. Nós já estivemos em Barrantes, em Pinçás, em Bainha, em Torronha, e vamos continuar a percorrer as paróquias informando a gente, e quando lhes falamos da riqueza arqueológica que tenhem na Serra da Grova ficam abraçados e assinam em massa contra o parque, porque pola primeira vez alguém lhes explicou o que lhes vam armar no monte na realidade. É por isto que, apesar de todo, confiamos plenamente na gente e estamos

A sociedade está desinformada, o que interessa ao grande capital e ao Estado. Vamos continuar a percorrer as paróquias e confiamos na gente

contentíssimos do nosso trabalho, e é preciso que a gente saiba que tem poder para mudar a realidade que nos querem impor, e isso no Val Minhor já o temos constatado em luitas vicinais anteriores.

De que tipos de agressom ao património estamos a falar?

A serra da Grova está inçada de BIC (Bens de Interesse Cultural), que é a máxima proteçom que concede a Lei do Património Cultural da Galiza. No coraçom do parque eólico projectado temos as ruínas de um castelo medieval esbaralhado polos Irmadinhos no séc. XV; o maior labirinto petroglífico da Europa; umha das maiores armadilhas de lobo de toda a Galiza, ainda sem catalogar; minaria romana nas Minas da Gata em Pinçás e um cemitério neolítico. E passam absolutamente por riba de todo, com pistas e moinhos, enquanto que um particular nom poderia tocar nem numha pedra.

E se as comunidades de montes se negassem a ceder os terreios?

Durante o governo do PP as expropriaçons eram forçosas, e o terreo expropriado pola força paga-se a seis euros o metro quadrado. A Conselheria da Indústria do BNG suavizou um pouco esta medida, mas exige-se às comunidades de montes que polo menos cedam 60% das suas terras.

E o relatório de impacto arqueológico nom tem nada a dizer?

O relatório de impacto arqueológico e etnográfico fai-no a mesma empresa, e esse é o primeiro ponto que há que reformar. O relatório

omite muitíssimas cousas, já seja por incompetência ou por negligência: quando na parte afectada polo parque há mais de 70 pontos arqueológicos, eles ponhem 30, e omitem todos aqueles elementos arqueológicos documentados. Nós já o comunicamos todo ao director geral de Património, eu nom sei como vam actuar.

Quantas serras da Grova nom haverá na Galiza?

Pois umha cheia delas. O que acontece é que levávamos demasiados anos com umha política abusiva do PP, com a qual parece que querem continuar agora. A Galiza produz já 4.500 megavátios de energia eléctrica por meio de parques eólicos e está inçada o Gistral, as Passareiras em Carnota, o Suído, o Condado-Paradanta, o Larouco, etc. A UE, que nos restringiu a produçom leiteira, que nos tirou a pesca em Marrocos, que nos tirou os estaleiros, etc., agora oferecenos 2.500 megavátios mais de produçom eólica, um presente envenenado para a Galiza, que é a maior produtora de energia eólica do mundo por quilómetro quadrado. Eu penso que é o momento já de parar para planificarmos outra Galiza totalmente diferente e decidirmos que modelo de país queremos. Senom, continuaremos a ser um número mais em Madrid, onde vam decidir por nós, por exemplo, a instalaçom de parques eólicos marítimos. Nós nom somos contra a energia eólica, mas sim de como se está a levar todo e dos critérios que se empregam. Só um dado mais, e finalizo: nos dias de hoje temos mais de mil moinhos instalados dentre 0,4 e 0'6 megavátios; se estes moinhos já instalados os substituímos por uns de 2,4 como os que estão projectados na Grova, multiplicamos a produçom por quatro sem necessidade de violar mais Grovas na Galiza. Se num país normalizado dispugessem do património natural e arqueológico que temos cá, estaríamos felizes de terem e promoverem isto, mesmo que só fosse para orgulho nacional próprio, mas é que ainda por cima está todo por estudar e por valorizar.

OPINIOM

No terceiro mundo da Europa

MANOEL SANTOS

OGANO AS EMPRESAS GOVERNAM, OS GOVERNOS OBEDECEM E OS CIDAOS E O ORBE PADECEM. O CENTRO DO SISTEMA MEDRA SOCAVANDO A DIGNIDADE DA PERIFERIA. E HÁ CÍNICOS QUE SE ATREVEM A DIZER "PORQUE NOM TE CALAS?".

O sistema neoliberal mundial, esse em que o culto ao Deus dinheiro - religião também, ópio do povo sempre prevalece sobre a dignidade e a soberania dos povos, nom mudou de estratégia nos últimos 150 anos. Se a época do colonialismo, em que se aligeirou a revolução industrial que aproximou do Norte global essa teima consumista chamada estado do bem-estar, se caracterizou por umha detracção selvagem de recursos naturais no Sul global, hoje continuamos na mesma. Mas agora a detracção também é de identidades nacionais, de sistemas de produção autóctones, de conhecimento tradicional, de princípios activos, de genes, de espécies... Todo vale, todo é privatizável, todo é susceptível de engordar os amos das bolsas mundiais. Os mercados já nom som de divisas, nem de aççõs, petróleo ou cereais, som mercados de vidas.

Ogano as empresas governam, os governos obedecem e os cidadãos e o orbe padecem. A Repsol esnaquiza parques nacionais bolivianos deslocando comunidades indígenas completas. Fai o mesmo no Equador e na terra dos mapuches. A Endesa tem denúncias polas suas actuações no Bio-Bio chileno. A Ence passa por cima da população pretendendo



instalar umha macrocelulose no Uruguai. A Calvo submete os trabalhadores e trabalhadoras equatorianas a detectores de mentiras. As sardinhas e bocartes austrais já nom alimentam a gente, senom os salmons da Pescanova. O centro do sistema medra socavando a dignidade da periferia. E há cínicos que se atrevem a dizer "Porque nom te calas?".

A Galiza, no seu contexto, nom é diferente. Estamos no centro do sistema global, é verdade, mas na periferia desse centro. Para a Europa e para a mamã Espanha somos o seu Terceiro Mundo particular. Basta comprovar como a nossa terra dá luz a Espanha inteira à custa dos seus rios, dos seus montes inçãos de moinhos de vento ou do

ESTAMOS NO CENTRO DO SISTEMA GLOBAL, MAS NA PERIFERIA DESSE CENTRO. PARA A EUROPA E A MAMÃ ESPANHA SOMOS O SEU TERCEIRO MUNDO PARTICULAR. BASTA COMPROVAR COMO A NOSSA TERRA DÁ LUZ A ESPANHA INTEIRA À CUSTA DOS RIOS, DOS MONTES OU DO AR POLUÍDO. PONDO EM PERIGO A POPULAÇOM COM MONSTROS COMO A REGANOSA. E AGORA TAMBÉM LHES TEMOS QUE DAR DE COMER

seu ar poluído por insustentáveis térmicas que operam pondo em perigo e deslocando a população com monstros como a Reganosa. E agora também lhes temos que dar de comer.

O plano aquícola da Junta, feito a meias entre Fraga e Touriño - com a silenciosa cumplicidade nacionalista -, pretende roubar ao povo 3,3 milhões de metros quadrados das suas paisagens mais prezadas para cedê-lo às transnacionais do peixe, nomeadamente a Stolt Sea Farm - com matriz no paraíso fiscal do Luxemburgo -, que substituiu no PSOE as preferências do PP com a Pescanova. Nom temos precedentes de semelhante ocupação no litoral alheio às rias.

É um plano para a fabricaçom

intensiva de peixes planos, sobretudo do rentável rodvalho, no qual as subvenções públicas farám que as galegas e os galegos financiemos durante anos os gastos de produção das empresas. Neoliberalismo puro: socializar o gasto e privatizar o ganho, umha vez que os tecidos produtivos galegos ficam fora das previsões. Nem umha cooperativa, nem umha sociedade feita polos do comum poderá aceder a este gorentoso oferecimento.

A Galiza produz da ordem de 3.800 toneladas de rodvalho artificiais. A Europa inteira 5.300. Contodo, o Fundo Europeu de Pesca destina mais de 70% dos seus investimentos para a Galiza à produção piscícola. O resto, se calhar, será para o desmantelamento de frota. Com a bênçom espanhola, a Europa pretende dizer-nos que o povo galego já nom é um povo de marinheiros, que devemos mudar em piscicultores mal assalariados por um par de transnacionais e as suas ETT's. Pretendem obrigarnos a que soframos o gasto ambiental das suas insustentáveis actividades económicas. Porque som só isso, actividades económicas, nom alimentares. Sim, continuamos na mesma.

Manoel Santos é membro da Plataforma Meio-Ambiental de Corrubedo

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Subscriçom + livro = 30 € Subscriçom anual = 24 € Assinante Colaborador/a = ___ C

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura



A FUNDO

Setecentos mil metros quadrados mais para a piscicultura do que com o PP

A PLANIFICAÇÃO DA JUNTA PREVÊ SEPULTAR 320 HECTARES DE LITORAL EM BENEFÍCIO DAS TRANSNACIONAIS DO SECTOR PISCÍCOLA

Quando Emilio Pérez Touriño ganhou as eleições em Junho de 2005 necessitou, como necessitara Zapatero meses antes, de algo que anunciar. À falta de tropas que retirar, o símbolo da mudança foi a interrupção do plano piscícola que o Conselho da Junta do Governo Fraga tinha aprovado aceleradamente meses antes. Na altura, o cabo Tourinhám simbolizava

a ameaça de sepultar com betom milhões de metros quadrados dos locais mais valiosos da costa galega. Mais de dois anos depois, salvada a excepcionalidade de certos espaços protegidos, o asfaltamento do litoral para a situação de unidades de piscicultura reforça-se com mais viveiros e muitíssimo mais espaço costeiro para a instalação dos mesmos.

RAIMUNDO SERANTES / Serám 26 parques de cultivo numa superfície de 3,2 milhões de metros quadrados, frente aos 2,5 que recolhia o Plano do governo Fraga. Afinal, o propósito do bipartido nada tinha a ver com a revisão da aquíicultura em terra como sector estratégico. Tratava-se apenas de salvar os entraves postos por uns 'espaços protegidos' que, mais do que barreiras para impedir que a 'lei do Oeste' se imponha em assuntos de ordenação territorial, parecem perfeitos para camuflar a falta de compromissos sérios com a protecção do ambiente. Mas nem sequer os espaços preservados pela Rede Natura escapáram, com o novo Plano, à ansiedade produtivista da Stolt Sea Farm ou Pescanova. Já porque som cercados polos viveiros a escassíssimos metros já porque som atravessados e penetrados por instalações de bombeio de água, nem sequer a preservação dos mesmos poderá ser salientada como diferença em relação ao Plano Sectorial de Ordenação Territorial de Parques de Tecnologia Alimentar que queria levar avante Fraga.

Galiza: terceiro mundo do Ocidente europeu

O governo galego e o clúster aquícola detêm-se sobretudo num argumento, que a sociedade recebe repetidamente: o de a Galiza estar a impulsionar um sector estratégico. Porém, a piscicultura em terra só representa 1'8% do sector aquícola na Galiza, dando emprego a cerca de 520 pessoas. Polo contrário, a aquíicultura no mar e os parques de cultivo marisqueiro, geridos por empresas e cooperativas autóctones emprega 10.000 pessoas. Os colectivos afectados insistem



O Plano Aquícola impulsionado pola conselheira de Pesca Carmen Gallego nem sequer respeita os espaços preservados pola Rede Natura. A ansiedade produtivista da Stolt Sea Farm ou da Pescanova imponhem-se nas decisões da Junta

na desproporção desta incidência socioeconómica, sobretudo criticando os 400 milhões de euros em conceito de subsídios públicos que as transnacionais piscícolas vam receber, apesar do impacto ambiental e paisagístico que vam produzir. A multinacional mais beneficiada por estas quantias que vam pagar até 50% da construção das unidades de produçom será a Stolt Sea Farm, umha empresa luxemburguesa que começou a sua trajetória na Noruega, país onde só poderia explorar a aquíicultura no mar, umha vez que a legislação local restringe a mesma piscicultura de terra que na Galiza vai usar mais de 3.000.000 de metros quadrados de litoral. Como acontecera outrora com o monocultivo do eucalipto e as papelarias, Galiza, Portugal e em geral os países com problemas para seguir o ritmo de desenvolvimento económico do resto da Europa, convertem-se nas vítimas

A piscicultura em terra só representa 1'8% do sector, dando emprego a só 520 pessoas. A Junta justifica-se aduzindo defender 'interesses estratégicos'

da instalaçom de indústrias de 'enclave', comportando-se como terceiro mundo europeu.

Porque ocupam os cabos?

Metade dos 26 pontos do litoral escolhidos para instalar os viveiros lindam directamente com o território da Rede Natura e costumam ser

cabos ou promontórios. Este é um dos principais problemas ambientais que provocam, pois os espaços escolhidos terám que ser necessariamente virgens, já que necessitam água do mar mui limpa para poderem reproduzir o habitat dos rodovalhos. A qualidade da água, segundo o Plano Aquícola Galego, é condiçom indispensável: "deve ser batida, limpa, oceánica [...] e permanecer longe de pontos de despejos domésticos ou industriais." A este problema unem-se outros que tenhem a ver com a produtividade e o investimento realizado polo clúster da aquíicultura. O sector pretende atingir 30.000 toneladas de produçom em 15 anos e, segundo a Conselharía da Pesca, esta produçom seria impensável se nom fossem dedicadas mais de 400 hectares de ocupaçom às unidades piscícolas. Mas nom é este o único ponto em que a rentabilizaçom do investimento do clúster aquícola, fortemente financiado com

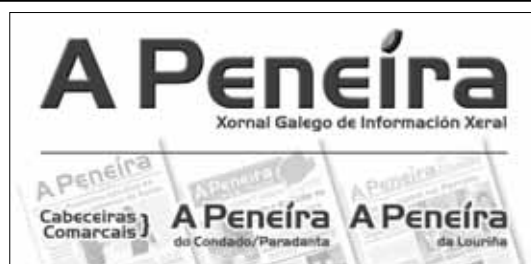
dinheiro público, passa por cima do, esse sim estratégico, desenvolvimento sustentável do litoral afectado. Segundo o Plano da Conselharía, "outra condiçom necessária é a existência de zonas com quotas de altitude relativamente baixas. Umha maior altura implica umha maior elevaçom de água do mar e portanto um maior consumo de energia nas bombas hidráulicas". Por causa disto, as instalaçoms som colocadas ao pé do mar. O BNG, pressionado pola contestaçom popular, argumentava que talvez neste ponto o Plano poderia ser revisito, pois "o território nom deve pagar a engorda das transnacionais piscícolas".

Qualidade das águas

A poluição das águas é outra das grandes preocupaçoms do movimento ambientalista, que assinala, perante os que dim que as próprias empresas seriam as prejudicadas com a poluição, que as instalaçoms piscícolas "pretendem ocupar os promontórios para disporem de umha enseada de entrada e outra de saída de água a cada lado do cabo ocupado." As empresas nom utilizam as águas da enseada de saída, por conterem efluentes que as tornam impróprias. Os milhões de metros cúbicos de águas contaminadas que as instalaçoms piscícolas estám a deitar para o mar, segundo a Adega, incluem peixes mortos dissolvidos em ácido fórmico. A Stolt Sea Farm reagiu virulentamente, anunciando empreendimento accoms legais contra a organizaçom ambientalista e dizendo que os "parámetros da saída de água para o mar som similares aos de entrada".

O velho e o novo Plano

Das 26 localizaçoms propostas polo novo Plano, 18 figuravam no Plano Sectorial do PP, que propunha 21.





Em Corrubedo nom faltou ninguém. No día 4 de Novembro, foi a capital de Mugarbos, do Courel e até de Compostela / CUT

Destas fôrom descartadas três, mas acrescentadas outras oito. Para a ampliação das que já están a trabalhar exige-se que nom estejam sobre zonas dunares e, segundo a Conselharía, tam só 1,8% do território protegido será afectado polo alargamento das mesmas. Para as de nova construción limitam-se as "paisagens de especial relevância", mas permiten-se afectacións puntuais a espaços preservados, como as canalizacións de bombeio. A dimensom de cada umha das instalacións é brutal, e metade supera 100.000 quadrados. Três delas, a de Lago, na Marinha cantábrica, a de Merejo (em Mogia) e a de Quilmas (em Carnota) superam mesmo os 250.000 metros quadrados, umha aposta clara nos macroviveiros mui criticada polos colectivos ambientalistas, que proponhem un plano subsectorial de piscicultura que reduza em 70% as dimensoms dos estabelecimentos de piscicultura,

numha altura em que o próprio Fundo Europeu aposta nas pequenas e médias instalaçoms em lugar das macroindústrias.

A Adega mantém o optimismo

A Adega foi o colectivo ambientalista mais activo contra o novo Plano, fazendo um grande traballu de coordenaçom dos sectores afectados e de presentaçom de alegaçoms, mais de mil no total. Para a presidenta, Adela Figueroa, o principal problema do plano está no 'diferencial ecológico', isto é, na desproporçom existente entre os problemas ambientais causados, nomeadamente relacionados com a ocupaçom de um espaço litoral que poderá ficar hipotecado por umha actividade económica cujo futuro é incerto, e a escassa incidência que tem no PIB e na renta per cápita da populaçom local. Em declaraçoms ao Novas da Galiza, Adela Figueroa manifestou ainda a sua preocupaçom por "como afec-

ta isto ao conjunto do sector da aquíicultura", que incluíria até a pesca litoral, já que o plano, apresentado como sectorial e de incidência supramunicipal nom é tal, considerando só um subsector (o piscícola de terra) que poderá prejudicar o conjunto. Finalizado o período de alegaçoms, quanto às negociaçoms mantidas polas conselharías socialistas e o Bloco, Figueroa mostrou-se mais optimista que outras vozes, e ainda criticando as evasivas do BNG e do PSOE, tem em conta as últimas declaraçoms de políticos que começam a sentir o alento da pressom social. Porém, todo indica que o Plano Galego de Aquíicultura será aprovado no Conselho da Junta, evitando mesmo o debate Parlamentar. O próprio conselheiro do Meio Ambiente resumia a situaçom com umhas declaraçoms explosivas: para ele é preciso assumir que 'potência piscícola' tem 'custos ambientais'.



Xosé Manuel Beiras destacou perante a ausência de dirixentes destacados do BNG

Os excluídos do Hórreo

Em Corrubedo nom faltou ninguém. No día 4 de Novembro, foi a capital de Mugarbos, do Courel e até de Compostela. A tomada de consciência dos 'excluídos' do Hórreo vai em aumento e no nacionalismo nota-se certa preocupaçom quanto a isso. É como se o descontentamento com a política do bipartido estivesse a tomar força e a estruturar-se em torno de conflitos em que até agora o Bloco sempre tinha tido um papel protagonista. Alguns meios de comunicaçom destacavam estes días a escassa concorrência de bandeiras com estrela na manifestaçom de Corrubedo e interpretavam este facto com desafeaçom ao BNG. O Bloco

tentou reconduzir a sua postura num debate televisionado em que Ana Pontón dizia necessário reconsiderar as instalaçoms mais polémicas, que seriam, segundo a deputada, as de Corrubedo e Merejo. Mas nada indica que o BNG vaia votar contra o Plano no Conselho da Junta. Umha faixa era clara neste sentido: *Bieito Lobeira, antes com Nunca Mais e agora com as multinacionais*. O ambiente fica descrito numhas declaraçoms de Manoel Santos em relaçom ao parecido deste movimento com a Nunca Mais: "Em nengum caso se vam voltar a admitir partidos políticos dentro dos movimentos sociais. E sindicatos, já veremos".

HEMEROTECA DO NOVAS



O Prestige foi o pretexto definitivo para impulsionar a irrupçom maciça da aquíicultura

A origem da colonizaçom piscícola

Em Setembro de 2004 NOVAS DA GALIZA denunciava que a Costa da Morte estava a converter-se em moeda de troca do governo Fraga para retribuir os contratos da Bazám para construir cinco fragatas para o governo da Noruega. No contrato assinalava-se que deveria haver "contrapartidas

importadoras" e outras "compensaçoms especiais". Nesse contexto devia entender-se o crescente peso de indústrias multinacionais como a Stolt Sea Farm (Stolt Nielsen na altura). A crise após o afundamento do Prestige foi o pretexto definitivo para impulsionar a colonizaçom piscícola.

Umha estratégia que funciona

No fecho desta edição, a Stolt Sea Farm voltava a utilizar a ameaça de deslocalizaçom para pressionar a favor dos seus interesses. O detonante é o facto de o Ministério do Ambiente nom ter aceiteado a renovaçom da concessom dos terrenos em que se situa o viveiro de Merejo (Mogia), vencida no mês de Agosto, segundo publica Galicia Hoxe. A estratégia, que consiste em anunciar deslocalizaçoms como conseqüência das políticas ambientais locais, deve estar a funcionar, umha vez que em menos de um ano foi utilizada polas duas principais empresas aquícolas instaladas na Galiza. De facto, a Conselharía da Pesca, desautorizada com esta iniciativa do Governo estatal, apressou-se a assegurar que nengumha empresa terá que abandonar a Galiza, porque já se están a estudar "diversas opçoms" alternativas para tornar rentável às empresas o assentamento galego. NOVAS DA GALIZA já publicara umha extensa reportagem (nº 51) sobre umha ameaça similar da Pescanova em 2006 para evitar a que a Junta interferisse nas localizaçoms que mais lhe convinhem, e fijo crer aos galegos que o facto de instalar-se em Mira (Portugal) tinha relaçom com a política ambiental da Junta.

▶ A Costa da Morte foi a moeda de troca do governo Fraga para retribuir os contratos da Bazám

▶ Stolt Sea Farm voltou a utilizar a ameaça de deslocalizaçom para pressionar a favor dos seus interesses

▶ A Conselharía da Pesca assegurou que nengumha empresa terá que abandonar a Galiza. Já están a estudar "diversas opçoms" alternativas



REPORTAGEM

A Massa Crítica chega à Galiza à procura de um espaço entre o asfalto

Com o nome de Massa Crítica (MC) conhece-se um movimento ambientalista, conscientemente desorganizado que se está a espalhar por muitas cidades do mundo e que agora começa a chegar com certa força à Galiza. A ideia básica é a luta e conscientização contra a poluição urbana mediante passeios de bici, patins, skats, auto-organizados e independentes e nos

quais geralmente apenas se conhece o local e hora de saída. Claramente existe um carácter de protesto nesses eventos: os participantes demonstram as vantagens de usar a bicicleta como meio de transporte nas cidades e exigem, com as suas acções pacíficas 'de tomada da rua', mudanças necessárias no espaço urbano para facilitar a locomoção nesse meio alternativo.

ALONSO VIDAL / Trata-se de promover e exigir formas de transporte não poluentes e mais sustentáveis a longo prazo do que o automóvel ou outros veículos dependentes de energias não renováveis. Por se parece uma questão menor, vai apenas um dado: Vigo encabeça a lista de cidades do Estado com maior concentração de fumos negros. Segundo estudos científicos de solvência, com um parque automobilístico de 160.000 veículos, aos quais há que acrescentar os da área metropolitana, triplica a quantidade de fumos negros por metro cúbico que sofre Madrid. A causa fundamental, o trânsito e a orografia urbana.

A novidade da proposta da 'massa crítica' está na espontaneidade da acção, longe de qualquer interesse político partidário ou organizativo. Falamos simplesmente de pessoas e bicicletas à procura de um lugar frente ao asfalto e a poluição.

Nasce involuntariamente na China

Todo começa com um documentário de Ted White sobre o ciclismo: *Return of the Scorchers*. (1992). Nele recolhiam-se um exemplo real e curioso de unidade que faz força. Nas ruas da China é impossível que um ciclista atravesse uma rua perante a grande densidade de veículos e a falta de sinalização e semáforos. Assim, cada ciclista que se chega a um cruzamento deve aguardar muito tempo para ter ocasião de atravessar. Os ciclistas vão chegando e aguardando pacientemente até que, quando o número é suficientemente grande (Massa Crítica), podem atrever-se a cruzar por ser a sua força superior aos dos carros que passam. Daí surgiria o nome do movimento.

As primeiras acções da 'massa crítica'

Nom é só um meio, é também "um elemento socializador, de saúde, libertador, divertido, que contribui para a nossa mobilidade". Um instrumento simbólico à procura de viragens nas políticas urbanísticas



Tenhem-se realizado bicicletadas na Corunha, Ourense, Compostela e Vigo

começam em San Francisco em Setembro de 1992 com a reunião de um grupo de ciclistas que no seu passeio pela cidade criava conscientemente problemas ao trânsito motorizado. Queria-se protestar assim pelas condições do trânsito; as pessoas gostaram da experiência e a mecha prendeu. Tornou-se costume mensal. No mesmo lugar, à mesma hora. A espontaneidade dos encontros tornavam desnecessárias as autorizações oficiais. Aquele primeiro dia, há agora 15 anos, reuniram-se 48 pessoas. Hoje o movimento da 'massa crítica' está presente em mais de 350 cidades de todo o mundo.

Modelos para o sucesso

Um dos aspectos mais interessantes desta modalidade reivindicativa está no facto de não ser organizada nem convocada por ninguém. Ninguém a controla, ninguém se faz responsável por ela. Não há protagonismos pessoais, políticos ou culturais. Para muitos dos parti-

cipantes esta é a principal novidade: o seu princípio essencial. Por esse motivo ninguém a tem que autorizar, porque não é uma manifestação. Usuários de bicicletas nas cidades que gostam de passear por ela, de outra forma, reivindicando a necessidade de travar o barulho, o trânsito motorizado e a poluição, combinam num dia, hora e lugar, e... quantas mais pessoas, mais 'massa combativa'.

E normas simples

É sempre um percurso urbano traçado para poder ser cumprido sem dificuldade. A velocidade vai determinada pelo mais lento dos participantes. Durante o passeio, que habitualmente dura 1,5 ou 2 horas, a ideia que subjaz é a visibilidade da 'massa' para que a mensagem funcione. Por isso, os itinerários costumam passar pelos centros da cidade, evitando ruas estreitas para não entupir a circulação. Muitas vezes nem os itinerários estão predefinidos. Os ciclistas que circulam à

cabeça vão dirigindo e cuidando que a marcha seja fluida. Sempre se respeita o peão por ser um aliado. As faixas de bus e táxi sempre ficam livres para facilitar o trabalho dos profissionais do sector, e tenta-se evitar o confronto com os automobilistas, ainda que nem sempre seja possível se a 'massa' for densa. Como a finalidade é lúdico-reivindicativa e a intenção também é divertir-se, muitos participantes das marchas animam-nas com faixas, disfarces ou cantando palavras de ordem a favor da bicicleta.

Em Portugal e na Galiza

As MC também são conhecidas nos países lusófonos como *bicicletadas* porque a maioria dos participantes desloca-se de bicicleta. Em Portugal há 'massa crítica' em Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro e Portimão. Em Lisboa têm início no Marquês de Pombal, no Porto começa na Praça dos Leões, em Coimbra no Largo da Portagem e em Aveiro na Praça da Ponte. Sempre são à últi-

ma sexta-feira de cada mês, às 18h00, "faça chuva ou faça sol".

Na Galiza do desenvolvimento urbanístico incontrolado, do cimento, tijolo e alquitram, os ciclistas e ciclistas, que agora começam a organizar as primeiras 'massas' nas principais cidades, querem ampliar a mensagem demandando atenção sobre a necessidade de reumanizar estes espaços. "Um elemento fundamental nessa humanização é a bicicleta", afirmam. Não se trata unicamente de um meio de transporte, é também "um elemento socializador, de saúde, libertador, divertido, que além disso contribui para a nossa mobilidade". É o instrumento simbólico à procura de uma viragem das políticas urbanísticas e de relação das nossas cidades e vilas, onde o transporte público deve primar frente ao automóvel particular. Para a 'massa crítica galega', o uso preponderante da bicicleta "implica uma atitude vital, de respeito ao meio ambiente e às pessoas; por esse motivo deve desempenhar um papel central na mobilidade urbana e interurbana".

No nosso país têm-se realizado bicicletadas nas cidades onde há "massa crítica" (Corunha, Ourense, Compostela e Vigo), por agora ainda sem muita participação, mas crescendo o seu número. No passado dia 22 de Setembro, teve lugar a 1ª Massa Crítica Galega com ciclistas de toda a Galiza. Saiu da Alameda de Compostela, e terminou num jantar colectivo no Parque de Bonaval e a projecção do documentário "Return of the Scorchers" no centro social O Pichel. No próximo dia 23 de Novembro incorpora-se Ferrol à lista das cidades com 'massa crítica'. A primeira bicicletada ferrolana partirá às 18h00 da Porta Nova.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
Ginzo de Límia

Alto Minho
Catassol, 15 - Lugo

Artábria
Trav. Batalhões - Ferrol

Atreu!
S. José, 8 - Corunha

Baiuca Vermelha
Ponte Areias

Casa Encantada
Betanços - Compostela

A Casa da Triga
P. Maior - Ponte Areias

A Cova dos Ratos
Romil, 3 - Vigo

A Fouce de Ouro
Bertamiráns - Ames

A Formiga
Redondela

O Fresco
P. Abastos - Ponte Areias

Henriqueta Outeiro
Quiroga Palacios, 42
Compostela

Mádia Leva
Manuel Amor Melián, 18
Lugo

SRCD Palestina
Rua do Ril, 4
Burela

A Revolta
Real, 32 - Vigo

Roi Soga
Rua Travessa, 3
Noia

A Tiradoura
Reboredo - Cangas



ANÁLISE

Ciganos e 'paios': o repto da convivência

Nas últimas semanas a colectividade cigana galega foi protagonista de numerosos manchetes nos meios de comunicação do País, todos eles com dous denominadores comuns: marginalidade e rejeição por parte da vizinhança paia. Os tópicos sobre os ciganos som já velhos conhecidos; do que se fala menos é das plataformas político-sociais que ciganos e ciganas tenhem desenvolvido nos últimos anos para representa-

rem os seus próprios interesses (como a Unión Romani, Romipén ou o Partido Nacionalista Caló), do incremento da sua participación na vida pública (63% vota, percentagem bem similar à da população nom cigana) ou da mudança dos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres: do atraso da idade média de casamento e da sua progressiva incorporação ao trabalho assalariado.

SOLE REI / Por volta de nove mil pessoas ciganas vivem na Galiza, segundo dados da Fundación Secretariado Cigano, e apenas um terço delas reside em infravivendas. Na cidade de Vigo a percentagem é de 2,5%, mui similar à de Ponte Vedra, e em Santiago de Compostela o favelismo é já um fenómeno erradicado. A cigana é a etnia maioritária nos assentamentos de favelas que ainda existem, mas encontramos casos como o dos moicanos, em Carvalho, que malviverem também em núcleos marginais carentes das condições básicas de salubridade. Assim, parece mais apropiado pensar na espiral de precariedade económica-exclusom social como factor que dificulta o desenvolvemento de certos grupos de população.

A sedentarização do povo cigano na Galiza começou por volta dos anos 50, e desde entom o colectivo tem-se instalado em 46 concellos. Porém, o distanciamento e o desconhecimento da cultura cigana continua a ser para a maior parte da população nom cigana mui similar ao que podia ser naquela altura, e os entraves com que amiúde batem no dia-a-dia, enormes.

Um pouco de história

Os primeiros ciganos e ciganas chegarom à península Ibérica através dos Pirineus por volta do século XV, e se bem que num primeiro momento tivessem um bom acolhimento, a chegada ao poder dos Reis Católicos deu começo a um período de perseguição do seu povo como medida homogeneizadora contrária às diferentes culturas que demorou até os anos da ditadura franquista, quando se reafirmárom as leis anticiganas com a declaração, por exemplo, do romanó como gíria de delinquentes. O



Banessa Giménez é cigana, e é o exemplo que desmonta todos os preconceitos e estereótipos negativos associados ao seu povo. Actualmente trabalha como mediadora intercultural na Fundación Secretariado Cigano em Compostela

resultado: milhares de pessoas fechadas em cadeias e assassinadas polo simples facto de serem ciganas.

Banessa Giménez é cigana, e é o exemplo que desmonta todos os preconceitos e estereótipos negativos associados ao seu povo. Actualmente trabalha como mediadora intercultural na Fundación Secretariado Cigano em Compostela, mas antes estivo empregada cuidando meninos num infantário ou de caixa num supermercado. "A minha avó nom foi à escola; minha mae foi, mas nom a finalizou, e eu fum, terminei e estou a trabalhar", conta. A progressom é lógica se olharmos atrás e pensamos que há apenas cinqüenta anos que os ciganos deixárom a vida errante e começárom a se sedentarizar e, por outro lado, tampouco dista tanto da de boa parte das famílias galegas nom ciganas.

A venda ambulante é a ocupa-

ção com maioritária entre a população cigana galega (62,7% em 2000), mas nesse mesmo ano 85% figurava no regime geral para trabalhadores autónomos. Desde 1983 a escolarização dos cativos ciganos no ensino primário subiu de 65% a 94%, e no secundário passou de ser quase inexistente a atingir 40%. Aliás, a educação infantil pré-obrigatória foi em 2006 de 63%. Para Banessa o principal problema contra a extensom da educação regrada no colectivo cigano era a falta de referentes sócio-familiares que servissem de exemplo, assim como a pouca importância que no passado tinha a escola para um povo que possuía o céu por teto. Mas a situação está a mudar, tal e como corroboram as percentagens, "e agora a minha sobrinha já vai à escola secundária, e no futuro com certeza que servirá de exemplo a outras pessoas", afirma Banessa.

Por volta de nove mil pessoas ciganas vivem na Galiza. Apenas um terço reside em infravivendas. Em Compostela o favelismo está já erradicado. A cigana é a etnia maioritária nos assentamentos que ainda existem

Discriminação e ciganidade

Desde 2004, a Fundación Secretariado Cigano conta com um registro de casos de discriminação a pessoas ciganas, produzidos em ámbitos como o da vivenda, o emprego, ou as prestações sociais. O caso mais recente pudo ver-se nos meios de comunicação, e levou um grupo de vizinhos de Vilar Cham (Ponte Caldelas) a pagarem cada um a sua quota-parte de umha casa para que essa nom fosse adquirida por umha família cigana. Mas nom é o único, e tenhem sido registadas situações em que se rejeita expressamente a contratação de pessoas ciganas polo simples facto de o serem, em que som excluídas do aluguer de casas ou mesmo em que se encontram com entraves para receberem atenção sanitária.

Com frequência escutam-se vozes que acusam os ciganos de serem fechados e de nom quererem

integrar-se na sociedade. "Nós nom queremos integrar-nos, queremos conviver", explica Banessa. E por essa convivência trabalha a Fundación Secretariado Cigano, com tarefas de formação, assessoramento e mesmo mediação para o acesso ao mercado laboral, mas também de promoção e valorização da cultura cigana.

A cultura cigana é umha desconhecida para a maior parte da população e, polo mesmo, objecto de desconfiança. A família tem um papel fundamental e decisivo na conformação de umha identidade colectiva que prima o respeito e o cuidado dos demais ao desenvolvemento pessoal individual. E longe de ser raro, à vista de um historial de repressom e discriminação como o que levam às costas ciganos e ciganas, é mesmo bonito que, num mundo regido polas leis da competitividade, continue a ser assim.

faísca
local social - Galiza
Rua Toledo, 9 - Calvoiro - VIGO
faiscagalicia@netmail.com


o pichel
centro social
rua santa clara, 21
compostela

Guia de CENTROS SOCIAIS
ESPAÇOS ABERTOS PARA UMHA NOVA CULTURA

184 págs. a todo e cor
21 locais no detalle
PEQUENOS BANCOS
REPORTAGENS
ENTREVISTAS
14 euros
www.centrosocials.com


ARREDEMO
A rede de acción sociocultural
HOSTING PARA PROXECTOS SOCIO-CULTURAIS
ASÓCIATE EN
www.arredemo.info



CULTURA



O guardês acaba de publicar 'Cinsa Namorada' com 10 peças com texto e músicas da sua autoria e um poema de Marica Campo

O CANTOR TINO BAZ APRESENTA DISCO

"As músicas galegas vivem umha idade de ouro, orgulha-me fazer parte deste momento criativo"

ANDRÉ CASTELEIRO / O Guardês Tino Baz, que apresenta o novo disco 'Cinsa Namorada', começou da mão do bem-querido cantor galego Suso Vaamonde lá polo ano 90, tendo feito parte do grupo A Roda. Tivemos a sorte de partilharmos umhas palavras com ele.

Antes de mais, podías-nos falar do teu novo disco...

Bom, 'Cinsa Namorada' é fruto de umha reflexom, 11 peças com texto e músicas minhas, com umha excepçom, a peça que dá nome ao disco, que é da autoria de Marica Campo; é um disco que procura a palavra, que se afasta da neutralidade musical, porque as músicas, a meu ver, tenhem que pegar na palavra, serem vitalistas... trazerem frescura com um selo de autor.

Tu vestiste umha especial relaçon com a gente do colectivo Vozes Ceives, mesmo téis interpretado muitas das suas peças. O que significáron para ti e para o País?

Sabes? Eu acho que os tempos, como na altura de Vozes Ceives, ainda nom som chegados, mas o Suso, Benedito, Bibiano, Casa Velha, todos eles encetarom no país umha ideia fundamental

para mim, a música como suporte de comunicaçom mais do que simplesmente estética. Eles lavráron parte fuleral para um futuro ainda por vir.

Cantáron em galego, como tu. Nesse sentido, o que mudou? Que significa cantar em galego hoje?

Certos 'persoeiros' gostam de satanizar realidades como o galego, cantar em galego é um acto de rebeldia, sim, mas cumpre cada vez mais aproximá-lo da normalidade. Eu sei das minhas filias linguísticas e também sei desses discursos globais, monstruosos e que danificam seriamente o nosso idioma.

Como vés o panorama actual das nossas músicas?

Nom tenho qualquer dúvida, vivemos umha época de ouro em relaçon ao que tem a ver com a criaçom, já nem me admira ver surgir novos grupos que

assumem a normalidade de cantar em galego e o melhor é que num leque mui variado de géneros. Só odeio umha cousa nisto da música, a mercadoténia que só gera hierarquia, sectarismo e insolidariedades.

Tino, para acabarmos. Cumprírom-se 5 anos da tragédia do Prestige. Como é que valorizas o lustro que acaba de se comemorar?

Infelizmente acho que a cousa nom mudou demasiado. Hoje ainda estamos lá mercê de que outro barco poluente atinja as nossas costas, aliás, creio que depois do Prestige houve umha bateria de atitudes, censura, repressom, satanizaçom de movimentos cívicos que na medida em que figérom activar a cidadania até a uns níveis nom previstos, devem ser tomados como históricos. Eu creio no Nunca Mais cidadão, marinheiro...

OPINIOM



Notas de imprensa

ERNESTO VÁZQUEZ SOUZA

Como todos sabemos há factos pasmosos, muitos denegridores, ofensivos e até reganhosos, fruto da maior incultura e ignorância bárbara; notícias que nunca recolhe a imprensa galega, ou, no máximo, fá-lo de uma perspectiva tão grosseiramente ridicularizadora como direitosa. Factos ridículos e direitosos que, passados meses, anos ou décadas, ainda que voltem a ser igual de pasmosos, bárbaros e denegridores, continua a escamotear a prestigiada e subvencionada imprensa galega.

Um capítulo de muito interesse na sociologia política da Galiza é o da cobertura mediática de qualquer tema casual (se temporalmente coincidente) antes do que algum relevante referido à língua, à literatura galega ou aos partidos e associações que a defendem (tirando a questão reintegracionista, que é simplesmente tabu). Nesta secção que deveria ser de referência cumpre-se a lei geral ou da Manobra de diversão.

Há uma excepção de muito interesse à lei geral que dá para estabelecer uma segunda formulação. Quando o ruje-ruje de parte da sociedade indica claramente um incremento do interesse social ou se incrementa socialmente a massa de utentes para posturas mais avançadas, ortográfica ou politicamente, do até esse momento evidenciado, a imprensa galega, indefectivamente, ressuscita opções já ultrapassadas, entrevista políti-

cos galegos a opinarem sobre língua, dá tribuna a figuras já pouco protagonistas, apresentando-as como alternativas possíveis e em confronto com posturas radicais, problemáticas, custosas e evidentemente antigalegas (vê-lafé quando se menta o tabu reintegracionista).

Por isso, um dos assuntos mais fascinadoramente recorrente na imprensa galega é a opinião e aval que se dá a qualquer postura linguística (anteriormente tratada como radical por ela própria) entanto o progresso da língua galega ou da sua política manifeste qualquer adianto menor. Tudo a fim de convencer a opinião pública e para distrair os mesmos protagonistas da intranscendência, radicalidade, antipatriotismo e impropriedade da sua postura. Esta segunda lei é a do oferecimento de caminhos fechados de consenso.

Por isso tantos desleixos ou provocações das redacções, coincidentes campanhas e propagandas, tantas páginas de opinião cedidas de súbito a surpreendentes colaboradores, tantas facilidades na hora de gerar debates, não devem ser entendidas senão como uma consequência das dinâmicas históricas da política e do poder numa terra onde as actuações do poder e dos políticos nunca são casualidades, apenas propaganda e favores.

O resto, ou o mesmo, o trabalho mercenário de intelectuais e jornalistas atados a estes meios e pagos, para mais rirmos, com dinheiro público.

Publica-se um livro que pretende dar soluçom às dúbidas de quem utiliza o galego reintegrado

MANUEL FERNÁNDEZ / O *Manual Galego de Língua e Estilo* é um livro surgido das necessidades concretas dos e das utilizadoras do galego reintegrado, em expansom entre colectivos de base cujos membros non temhem tido formaçom académica para adquirirem esta norma, e que mesmo assim temhem feito enormes esforços para a aprenderem de forma autodidacta. Em 1983 e 1985 publicavam-se, respectivamente, o *Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego* e o *Prontuário Ortográfico Galego* da Associação Galega da Língua (AGAL). Com eles, e com a leitura de textos luso-brasileiros, várias geraçom de reintegracionistas lançom-se ao uso do galego grafado consoante a história e a tradiçom escrita do português contemporâneo. Porém, a normativa da AGAL admitia demasiadas duplicidades que provocavam que entre vários textos, às vezes num mesmo boletim ou jornal, houvesse muitas divergências gráficas. Com a assunçom da norma reintegrada por cada vez mais colectivos, nomeadamente

juvenis, Maurício Castro, Beatriz Peres e Eduardo S. Maragoto, três professores de português nas Escolas Oficiais de Idiomas da Corunha e Compostela, habitualmente encarregados da correçom dos textos que esses colectivos geram, entendom que era necessário elaborar uns critérios para dar unidade ao estilo e às escolhas linguísticas dos diferentes colectivos que usam a norma da AGAL.

Mas tendo sido essa a motivaçom para iniciar do trabalho, o *Manual Galego de Língua e Estilo* inclui, afinal, muito mais, tornando-se inovador em alguns aspectos, polo menos dentro do âmbito galego, carente por enquanto de umha boa bibliografia estilística.

O *Manual* trata nomeadamente da língua divulgativa e jornalística, incluindo completas listas de vocabulário galego-espanhol-ínglês, falsos amigos, topónimos galegos e internacionais com os seus gentílicos, soluçom a erros freqüentes nos textos reintegrados e pormenorizados conselhos para o uso dos tempos verbais e perífrases, da pontua-

çom, dos tipos de letra, dos números nos textos, etc. Ainda, destaca um completo capítulo de estratégias para evitar a linguagem sexista.

O livro está dividido em quatro unidades: Ortografia e Estilo, Morfossintaxe e Estilo, Léxico e Estilo e os Apêndices. Apesar desta subdivisom de carácter gramatical, os autores e a autora destacam que a língua do *Manual* é "acessível a todos os públicos", evitando sempre que possível a terminologia filológica que pudesse obscurecer as explicaçom às pessoas leigas na leitura de gramáticas. Como se explica no prefácio, a vontade divulgativa "afasta esta proposta de outras construídas com critérios exclusivamente gramaticais ou académicos, sem um público concreto a quem dirigir-se. Partimos neste caso das necessidades e carências concretas socialmente verificadas em sectores igualmente concretos, e apresentamos soluçom que aspiram a ser acordos com as mesmas, com o intuito de contribuímos para a progressiva alfabetizaçom colectiva do movimento normalizador".

Solicitam a recepçom das televisom portuguesas

PGL / O deputado do BNG no Congresso dos Deputados, Francisco Rodríguez, solicitou ao Governo de Espanha um novo múltiplex digital para a emissom na Galiza dos canais portugueses de televisom. A reivindicaçom, surgida há duas décadas no seio dos colectivos de defesa da língua, foi retomada há 3 anos pela Plataforma pola Recepçom das Televisom e Rádios Portuguesas na Galiza e assumida progressivamente por diversos colectivos.

No passado dia 21 de Novembro, o deputado nacionalista solicitava no Parlamento espanhol os meios técnicos e humanos para tornar possível a recepçom dos canais portugueses na Galiza. O deputado baseou a sua argumentaçom no desrespeito da Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias.

A Carta foi redigida e aprovada em 1992 e aceite por todos os Estados membros da altura, rati-

ficada também polo Congresso espanhol em 1994. Porém, as medidas incluídas fôrom incumpridas sistematicamente na sua maioria, o qual suscitou vários avisos da Comissom Europeia ao Estado espanhol.

Em 2005, a Fundação Via Galego enviou um relatório que entre outras cousas denunciava que os meios portugueses nom estavam a ser recebidos na Galiza. Como consequência desse relatório e de outro enviado polo Governo espanhol, no passado mês de Outubro umha delegaçom da Comissom Europeia visitou a Galiza e reuniu-se com vários colectivos de defesa e normalizaçom linguística.

A notícia suscitou um grande interesse em Portugal, onde foi noticiada num grande número de médios de edição estatal, enquanto nos meios galegos e espanhóis passou mais despercebida.

LÍNGUA NACIONAL

Sintaxe

VALENTIM R. FAGIM

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

A conjugar o verbo sexuar ou os genitais nom nos deixarám ver os sexos

BEATRIZ SANTOS

Conjugar em gramática é pôr um verbo em todos os seus modos, tempos e pessoas. Por incrível que pareça o verbo sexuar é conjugável.

Di-nos a Sexologia que TODAS as pessoas som sexuadas, que vam tomando forma e estrutura sexual, que seguírom um processo no tempo que as foi sexuando.

Sexuar vem sendo Sexuar-se, verbo pronominal ou reflexivo em tanto que acontece ao sujeito. A pessoa vai-se fazendo (que diria a Beauvoir) e para isso conta com o

que se deu em chamar Elementos Sexuantes: desde os mais biológicos, sociais e culturais, aos existenciais... Tais elementos sexuam as células, os gostos, as atraçom, as crenças, os gestos, as açom... das tais pessoas. O processo é Biográfico e o resultado (sempre inacabado) é tornar-se de um ou outro sexo. Mas, atençom, nom numha dicotomia idêntica (homens iguais a homens e mulheres iguais a mulheres), senom dentro de um continuum infinito.

A questom é que, ainda que na linguagem sexológica isto foi des-

envolvido enormemente, na linguagem geral e na de *certos e certas profissionais* da questom ficou limitado basicamente a dous ou três termos: os substantivos sexo e sexualidade, o adjectivo sexual e, talvez, o advérbio sexualmente. Todo para referir-se clara ou difusamente aos genitais, esquecendo o principal: as pessoas, os sujeitos sexuados, que som aqueles de que pretende e a quem pretende falar "a conjugar o verbo sexuar": de nós, tu, elas, eles... pessoas activadas e feitas carne no verbo.

Reparai nestes três manchetes de imprensa nacional espanhola "El vasco será la lengua básica de la enseñanza del País Vasco" "Cataluña disputará un mundial de fútbol sala como una selección nacional más" "El BNG apuesta por el huso horario 'natural'" Neste tipo de notícias, via de regra, o anunciado no manchete costuma ser criticado no corpo da notícia.

Na verdade, som mais de 100 anos de coexistência dos diferentes nacionalismos no Reino de Espanha. E em certos aspectos as cousas parecem ter mudado pouco, nomeadamente a perplexidade do nacionalismo hegemónico. E esta perplexidade, acho, é a mãe da sua fúria.

Quizás tudo fosse um bocado mais fácil se focassem o desencontro de umha perspectiva sintáctica. Tomemos os PREDICADOS

das notícias vistas acima e retiremos toda referência geopolítica: "será a língua básica do ensino no País basco", "disputará un mundial de futebol de salom como mais umha seleccom nacional", "aposta polo fuso horário natural".

Assim visto, nom haveria problema. O PREDICADO pode ficar descansado, a tensom nom vai com ele. Peguemos agora nos SUJEITOS: "O basco", "Catalunha" "O BNG". Pronto, pessoal, parece que algo se pom a tremer.

Fagamos finalmente umha última operaçom sintáctica, MUDAR OS SUJEITOS: "O espanhol será a língua básica do ensino no País basco" "Espanha disputará un mundial de futebol de salom como mais umha seleccom nacional" "Espanha aposta polo fuso horário natural".

Ao que parece, a questom nom é tanto o que se fai como quem o fai.

libreria
couceiro

Manolo
Caamaño
Añón

neves
asesoría

Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidaigo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059

WALLACE

bar
faluya



DESPORTOS

GALIZA RABUNHA A I COPA CANTÁBRICA DE BILHARDA

XERMÁN VILUBA/No domingo 4 de Novembro, doa a quem doer, ficará marcado, igual que o ferro marca a pele das bestas, como um día histórico no deporte galego. Várias semanas antes, a tensom foi-se acumulando na expedición galega que, só três semanas antes do primeiro encontro oficial na primeira Copa Cantábrica, vía como era destituído o que, até esse momento, tinha sido o seleccionador galego, Fernando Veiga. O nervosismo era máximo, mas perante o desconcerto apareceu a PxA Plataforma de Gestom da Auténtica) que decidiu levar as rendas emitindo a sempre polémica lista de convocados para defenderem a Galiza e serem dirigidos, ao pé da pista, polo único que poderia levar adiante este grande projecto, Ismael. O Zidane da Bilharda, era nomeado novo seleccionador enfrentando o grande repto de ganhar a I Copa Cantábrica da história. Todo estava preparado, os dezasseis convocados estavam dispostos a deixar a pele na pista polideportiva de Piarnu (Asturies), o ambiente na Guagua indescritível, com o golpe, os paláns e as bandeiras da pátria viajando na mala e a ilusom sentada nas bancadas. Asturies, dirigida por Xosé Pravia, esperava sem medo as tropas galegas que à partida partiam como favoritas. E começou o jogo e todos os temores se figérom realidade, a mecánica do jogo era disputar dous setos simultáneos e, se a Galiza vencía num, no outro vapuleava Asturias, polo que era inevitável o temível seto da morte ou do desempate, Ismael, o seleccionador Galego deu a lista com os cinco escolhidos e Xosé Pravia também escolheu os seus palanadores para o trecho final. Arrancou o seto da morte e Galiza punha-se com um 0-2 sobre 5, possível *match point*, que Hugo desfijou, para a seleccom asturiana, superando o palanador galego, 1-2 e a pista de piarnu converteu-se num autêntico fervedoiro com berros e apoio das claques das bancadas aos seus palanadores, que iam disputar o trecho final. Após disputar a 1ª carreira da jornada de história, Chema via-se envolvido num acto histórico, decidir para onde ia a, tam desejada polos dous países,

FRAM FOLGUEIRA,
O JOVEM PALANADOR
FOI O PROTAGONISTA
DESTA ESPECTACULAR
COMPETIÇOM E
DECIDIU O FINAL
DO ENCONTRO

Copa Cantábrica de Lirio-Bilharda, e aqui surgiu a lenda do famoso Match Point de Fram Folgueira, indiscutívelmete o jovem palanador e debutante na Auténtica foi o grande protagonista desta espectacular I Copa Cantábrica, já que decidiu com o seu mítico semi-varado o destino final deste encontro. Especial mençom à importante participaçom dos debutantes na Seleccom como Difranco, o italo-galego estivo implacável e junto com Daniel, Calvete, Juan Pico e o campeão galego de Varados, David Fontán, dirigidos esplendidamente da banda polo também debutante como seleccionador nacional Ismael, o Zidane da bilharda, figérom junto com toda a expedición que a Galiza conseguisse a desejada I Copa Cantábrica. Depois do jantar desquite do internacional com a disputa do Xamom Cantábrico, um todos contra todos onde a dopagem de emoçom e licor para além de ser legal é quase obrigatória. Bilhardas ébrias cortando o ar, buscando às pressas o varal, resoavam os berros e a incerteza para decidir quem meteria o dente ao desejado presunto cantábrico, e fôrom o avilefino Pablo, o killer do Quirinal quem se bateu na final contra o palanador de Ceileiro de marinhaos Ginés, entre lusco e fusco disputou-se a finalíssima em que Ginés foi capaz de vencer o grande palanador astur. Entre Copas e presuntos, a LNB embarca no catiuo e deixa o ronsel do Cantábrico para, sulcando as águas do Atlántico, desembarcar na corunhesa pista da Sapateira onde, a 18 de Novembro, tinha começado a competiçom na Conferência NorOeste da Superliga Galega de Bilharda. LNB avante toda!!

Dopagem: um reflexo da profissionalizaçom do desporto e da intromissom do mercado

Surge umha nova concepçom do desporto em que se introduzem outras formas de lograr objectivos e recordes, marcados por umhas competiçoms altamente prejudiciais para a saúde.

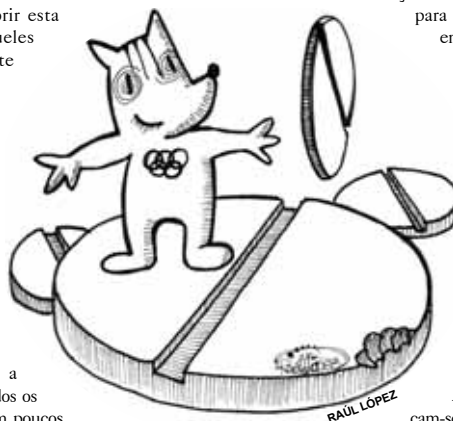
Perdem-se assim os valores primitivos do desporto, a consequência da intromissom do mercado e do capital num âmbito cada vez mais selvagemmente competitivo.

XIANA GUERRA ARIAS/Poderíamos citar nomes até cobrir esta página inteira daqueles desportistas de elite que ultrapassárom a barreira (física e psicológica) que é capaz de superar o corpo humano, mediante as ajudas ergogénicas e as substâncias ilegais inseridas, estas últimas, no fenómeno conhecido como dopagem.

A dopagem volta a estar em auge em todos os 'mass media', mas som poucos os que se posicionam numha perspectiva verdadeiramente analítica, já que sabem que por trás deste fenómeno de consumo de substâncias existem grandes empresas farmacéuticas, que movem imensas quantidades de capital. Portanto, costuma-se falar da dopagem exclusivamente de umha dimensom ética, centrada no próprio desportista e emitindo juízos valorativos, sem aprofundar nas causas últimas que conduzem a esta situaçom.

Assim, passam-se por alto as causas profundas polas que nasce este fenómeno, e olham para outro lado - pretendendo que nom exista conexom - quando se fala de um incremento importante do consumo de esteróides e anabolizantes nos ginásios (salas de musculaçom). Depois, com estes dados na mao, devemos assinalar que a dopagem nom é apenas um problema da elite desportiva, mas que existe um novo 'tipo' de consumidor habitual no qual se mistura actividade física com valores vinculados nitidamente à estética.

A introduçom do desporto de novas ramas da ciência como a Medicina, a Farmacologia ou a Psicologia, possibilitárom enormes avanços técnicos que fôrom applicados ao sistema de preparaçom dos



APARECE UMHA
NOVA CONCEPÇOM
DO DESPORTO
FOCADA PARA O
ESPECTÁCULO.
OS DESPORTISTAS
TRANSFORMAM-SE
NUMHA MINORIA
QUE PRATICA A
ACTIVIDADE FÍSICA

desportistas rapidamente. Isto tivo como consequência o incremento do rendimento desportivo e a optimizaçom de lograr novos recordes e marcas. Surge por parte dos desportistas a necessidade de vencer, de obter resultados e de criar um espectáculo atraente para as grandes massas de consumo.

A partir disto, aparece umha nova concepçom do desporto focada para o espectáculo (a consumir polas massas), e para a profissionalizaçom dos desportistas (transformados numha minoria que pratica a actividade física). Inicia-se, assim, umha carreira dirigida à mercantili-

zaçom do desporto, como umha via para impulsar e criar empresas afins a esse novo conceito, entre as que a farmacologia joga um papel privilegiado.

Neste cenário, os desportistas vem-se na obriga de utilizar medicamentos e recuperantes para posteriormente aguentar a assimilaçom de cargas de treino, assim como as exigências das competiçoms.

As grandes empresas lançam-se a investir grandes somas de dinheiro para posteriormente multiplicar o ganho, mediante a comercializaçom dos eventos desportivos. Como contrapartida, gera-se um ambiente de corrupçom entre os desportistas e umha grande rivalidade entre os competidores e as claques, que se traduzem em violência e modelos de conduta preocupantes já desde o desporto base.

O COI (Comité Olímpico Internacional) é o encarregado de regular e controlar a dopagem, centrando-se na realizaçom dos controlos. Estes som pouco úteis, já que a produçom e elaboraçom de substâncias proibidas antecede os métodos de controlo, polo que se requerem mecanismos científicos e técnicos mais avançados para as detectar. Em consequência, incrementa-se a mobilidade de capital para a produçom de novas substâncias, assim como os novos mecanismos de controlo, entrando numha dinâmica absurda e retórica. Isto deve-nos levar a considerar se realmente o caminho a seguir é endurecer os controlos antidopagem, ou polo contrário deveríamos revisar a 'estrutura' (competiçom, periodizaçom...) dos diferentes desportos.

Xiana Guerra é estudante de INEF e atleta do Clube Ria de Ferrol

16
o-dezaseis
Casa de Xantar

TRINCA
Trinca dos Sarmos, I. Gureense.

ADEGA ARRAIANA
HERDEIROS DE ANTON BÉRTOLO LOSADA
Rias Baixas
Sela Estación - Arbo - Galiza
Telf: 619171358

MALAS DÉCORAS
P. Alameda de Abaixo, 7. Compostela

COPISTERIA
144
FOTOCOPIAS
PAPELERIA
ENCADERNACIONES
SANTIAGO
*REPUBLICA ARGENTINA Nº 44 B
TEL: FAX: 981 992 436
*RUA SAN ROQUE Nº 31-B
TEL: FAX: 981 566 896

SECTOR GALEGUISTA DO CELTA ATIRA A TOALHA

Demissom do Director Geral do Celta, Xavier Martinez Cobas, liquida a política galeguista iniciada na época passada

A demissom de Xavier Martinez Cobas no pasado mês de Outubro é o último capítulo de unha crise no Real Clube Celta que parece non ter fim e que no plano desportivo se saldou com o segundo descenso à segunda divisom em três anos. O Celta fecha assim o lustro mais contradictório da sua longa história: em 2003 iguala a sua melhor posição na liga conseguida no ano 1948 e classifica-se pola primeira vez para a liga de campeonos, em 2004 desce à segunda divisom para subir novamente à primeira em 2005; no seu primeiro ano, após o retorno, classifica-se brilhantemente para a copa da UEFA e, finalmente, volta a enfiar o caminho da segunda divisom em Junho de 2007.

XAVIER PAÇOS / A crise por semana, o Real Clube Celta vive nunha permanente convulsom desde que começou o ano. Unha crise que, no plano desportivo, se saldou com um inesperado e humilhante descida à segunda divisom, mas que vai mais longe ao pôr de manifesto unha larvada crise institucional e económica e unha profunda fenda social no âmbito do celtismo. Os 84 milhões de dívida ameaçam a viabilidade e o futuro da entidade a médio e longo prazo. Unha situação similar à do seu eterno rival, o Desportivo, mas com as vitrinas vazias.

Quando em Maio de 2006, Horacio Gómez, o anterior presidente e accionista maioritário, vendeu as suas acções com um alto valor acrescentado ao empresário, Carlos Mourinho, poucos podiam imaginar que o clube estaria nesta situação apenas um ano e médio depois. A equipa acabava de classificar-se para a copa da UEFA no seu primeiro ano após o ascenso e a situação económica parecia estável. Para além disto, com a crise do Desportivo parecia que o Celta estava chamado a recuperar a supremacia no futebol galego depois de longos anos de hegemonia herculina. A irrupçom de Mourinho foi toda unha surpresa. Porque um acudalado emigrante que ganhara dinheiro como milho no México entrava de repente no negócio de futebol? Sejam quais forem as obscuras intenções do 'mexicano' de Aviomo, o certo é que a



Porque um abastado emigrante como Mourinho entra no negócio de futebol?

sua chegada foi bem-vinda pola imprensa no mesmo momento em que saltava à opinião pública a sua implicação num escândalo urbanístico no concelho de Nigrám. Carlos Mourinho e o vice-presidente Ricardo Barros compraram a um custo baixíssimo umhas parcelas posteriormente requalificadas polo Plano Geral de Urbanismo de Nigrám, concelho naquela altura governado por Alfredo Rodríguez, ex-director geral do clube celeste.

Em qualquer caso, Carlos Mourinho iniciou unha ambiciosa modernizaçom do clube viguês que incluía a profissionalizaçom das suas estruturas. Além disso, o clube começou um processo de abertura social e regaleguizaçom. A peça chave em todo este projecto era Xavier Martinez Cobas. No momento do seu nomeamento como Director Geral do Celta nom poucos vírom nesta decisom unha piscadela de Carlos Mourinho à Direcçom Geral para o Desporto encabeçada polo nacionalista Santiago Domínguez. Com ampla experiéncia no âmbito empresarial e universitário, próximo do BNG e celtista desde a sua infância, Xavier Martinez Cobas cria sinceramente na necessidade de que o clube celtinha recuperasse parte das suas senhas de identidade galeguistas. Que o clube viguês exercesse a sua condiçom de equipa galega nom era apenas unha estratégia para superar o Desportivo, mas devia ser a via natural de crescimento do Celta.

A aposta galeguista do Celta era

sincera e rapidamente se traduziu em factos. Todos os cartazes e documentaçom pública do clube passou a estar escrita integramente em galego; a megafonia já era em galego desde havia décadas. A edição do novo jornal do clube foi encarregada a Galáxia e estava redigida 90% em galego. O nome do jornal, *A cor de Galicia*, deixava claras as intenções do Celta. No plano comercial o clube orientou-se na procura de patrocinadores galegos: a TVG, Estrella Galicia e R. Por outra parte, a campanha de sócios tinha como objectivo incrementar o número de subscritores em vilas do País historicamente celtistas (Vilalba, Ilha de Arousa, Porto Dogom...). Outro aspecto chave desta política foi a ampliaçom da equipa directiva a sectores empresariais e sociais do País buscando nesta expansom um equilíbrio territorial que desse entrada a personalidades das quatro demarcaçoms provinciais da comunidade autónoma galega. Também fõrom melhoradas as relaçoms com os outros clubes da Galiza. Da equipa directiva e direcçom técnica transmittiu-se a consigna de jogar com intenções de ganhar a primeira edição da copa Galiza organizada polo Governo autonómico. Finalmente, no plano desportivo lançou-se a ideia de construir unha cidade do futebol galego como germe de unha futura canteira da qual se nutriria progressivamente o Celta.

Esta política nom suscitou entusiasmas adeseons mais alá de sectores galeguistas dos siareiros, mas o

A GALEGUIZAÇOM DA ENTIDADE SALTAVA POLOS ARES AO PERDER FERNANDO VÁZQUEZ, A SUA PEÇA CHAVE. QUEM PODIA APOSTAR ENTOM NO PROJECTO QUANDO À FRENTE DO MESMO SE PUNHA UM FANTASMA BÚLGARO COMO STOICHKOV?

certo é que apenas gerou oposiçom alguma. Porque naquela altura o verdadeiro objectivo a abater do sector espanholista da imprensa e da claue celeste era Fernando Vázquez. Neste novo andamento galeguista, Fernando Vázquez era algo mais que a cabeça desportiva. O treinador de Castroleito nunca foi bem recebido por um amplo sector da claue e da imprensa. Estes últimos sempre apresentãrom Fernando Vázquez, o "técnico corunhês", como unha espécie de intruso, um infiltrado do desportivismo no Celta. Digamo-lo claramente, a Fernando Vázquez figérom-lhe a vida impossível por ser daqui, pola sua identificaçom com o nacionalismo galego e polo reiterado e normalizado emprego do galego, a sua língua de sempre. Os sectores mais espanholistas e localistas, sempre hegemónicos nas forças vivas do celtismo, nunca lhe aceitãrom a sua condiçom íntegra de galego, que noutras latitudes cotaria em alta, mas que no nosso país pode ser um pesado lastro para poder triunfar em qualquer âmbito. O reiterado uso público da sua língua, a humildade da sua figura e projecçom pública, num mundo em que o que triunfa é o glamour e o exibicionismo, e da sua procedéncia social, mesmo a sua condiçom de seleccionador nacional deu-lhe numerosos inimigos em Vigo, os quais conscientes de que os bons resultados desportivos nom facilitavam o acosso e derrube de Fernando Vázquez, aguardãrom tempos melhores. Quando os maus

resultados chegãrom as navalhas já levavam tempo afiadas. Com as primeiras derrotas a situação tornou-se insustentável. A Fernando Vázquez só o apoiavam os Celtarras, que estívãrom com ele até o final, e sectores galeguistas da torcida, talvez mais numerosos do que se pensa, mas desorganizados e sem apoios mediáticos. Pode ser que Mourinho e Martinez Cobas o apoiassem sinceramente, mas ao final cesãrom-no. A galeguizaçom desportiva da entidade saltava polos ares ao perder a sua peça chave. Quem podia apostar entom neste projecto quando à frente do mesmo se punha um fantasma búlgaro como Stoichkov? Da noite para a manhã a ideia de um Celta mais galego no plano desportivo desapareceu.

Como se a política galeguista tivesse culpa do desastre desportivo, o novo ano em segunda divisom iniciou-se com unha revirada espanholista. Sem maiores explicaçoms, de novo todos os cartazes, documentaçom e mesmo o jornal passãrom a estar novamente escritos maioritariamente em castelhano. Por outra parte, os projectos de revitalizaçom da canteira do clube e de ampliaçom ao longo do país das escolas desportivas também fõrom paralisados. No conselho de administraçom prevê-se unha fuga daqueles membros apresentados entom como representantes das diferentes zonas de Galiza. Com este panorama como pano de fundo e com as últimas decisoms nas parcelas económica e desportiva, Xavier Martinez Cobas apresentou a sua demissom. A sua partida foi encenada publicamente como fruto de unha decisom acordada e consensualizada por ambas as partes, mas a verdade é que, Martinez Cobas, a pessoa que tentou regaleguizar o Celta, sentiu-se desautorizado e preferiu apresentar honrosamente a sua demissom. À frente da direcçom técnica e desportiva ficam um treinador andaluz, um segundo treinador castelhano e um director desportivo madrileno. Já só nos falta Karpim de proprietário e presidente do clube. Todo se andarà. Entretanto, gente da casa como Manolo Carneiro, Rafa Saez, Maté, Covelo e Xurxo Otero saem todos pola porta de trás. Ver para crer.

Murguia, Revista Galega de Historia fica de cuarta aniversario. Grazas a centos de subscritores e lectoras Murguia vai descubriendo a Historia da nosa nación, divulgándoa e poñéndoa en valor.

No último número presentábase unha carta inédita dun galego na Revolución francesa, dous novos tipos de cruceiros, o nacionalismo galego e a esquerda na Transición, Stefan Marling e as súas achegas antropolóxicas e moito máis.

Colabora con recuperación da memoria histórica do noso país.

Nome _____ Apellidos _____
Enderezo _____
Localidade _____ CP _____ Teléfono _____
Solicita: Subscriçom Máis Informaçom

Enviar a Murguia, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 67003 Compostela ou secretaria@murguia.com. Teléfono 629 31 02 88

www.revistamurguia.com



| PASTORA GONZÁLEZ | MAE DE XOSÉ TARRÍO |

“Enquanto viver vou dar testemunho do que lhe figérom ao meu filho”

MARIA ÁLVARES / A vida de Pastora está intrinsecamente vinculada á do filho, Xosé Tarrío. Quando ele entrou na cadeia por um roubo é como se descubrisse a outra face da realidade, a que permanece oculta pola ordem estabelecida. Agora que Tarrío morreu nom se dá por vencida e continua com o legado que lhe deixou: denunciar o que acontece por detrás das prisons. Porque está convencida de que "contar o que fam e o que ali acontece é o que mais lhes molesta".

- Que importância crés que tem para o preso o apoio familiar e do exterior?

- Toda. É o pé deles para se sustentarem ali dentro. Se lhes falhar isso nom temem nada. Lembro umha entrevista que lhe figeram em Radio Kalimera em que dizia que para eles era muito importante saber que nom están sós, que com apenas haver quatro ou cinco pessoas fora que están com eles, temem quatro ou cinco razons por que lutar.

- No momento em que o teu filho entra na cadeia fás tua a luta dele. Tinhas consciência política naquela altura?

- Nom. Era umha de tantas que cria o que diziam nos noticiários: que os julgamentos eram justos e que os presos estavam na cadeia porque eram maus... Agora riemo do ignorante que era a esse respeito. Encontro-me com a

realidade quando fam com o meu filho o que fam: as torturas, o isolamento, o sofrimento... e começo a fazer parte da Comissom de Denúncia. Topo-me com a realidade quando Xosé escreve o livro Huye, hombre, huye no ano 98, antes sempre me dizia que estava bem. Tirárom-lhe a vida por roubar. Pergunto-me quando será o momento em que irá á cadeia quem o maltratou e matou.

- Que dirias aos que ainda pensam que as cadeias servem para reeducar?

- Pois que nom temem nem ideia, que os que há que reeducar som os que pensam isso, se nom que passem 3 meses em FIES e que mo contem. As cadeias están feitas por doentes para destruírem as pessoas... e fôrom feitas para os pobres: 75% dos presos é gente que nom tivo nengumha oportunidade na vida,

que provemem da marginalidade. As cadeias som tapadeiras, metem ali os drogados ou os que 'trapicheiam' e ali há mais droga que na rua, e claro, intruduzida polos funcionários para levantar um dinheirinho extra.

- Que acolhimento están a ter as palestras em que participas?

- Mui boa, há um ano estive na Itália, onde a policia me icomudou registrando-me e seguindo-nos... mas a gente que véu á palestra respondeu mui bem. O livro está a ter boas vendas. Foi traduzido para o alemám, para o italiano, e vai-se traduzir para o inglês e o francês, em espanhol vai pola segunda edição... traspasou fronteiras apesar deles.

- Tens relação com a mae de Diego Vinha, o rapaz que morreu nos calabouços da Guarda Civil de Arteijo.

- Sempre é necessário dar apoio a outra mae que passa por algo tam duro, gostei muito de conhecê-la e dar-lhe o carinho que me faltou quando aconteceu o de Xosé, porque embora estivesse muito respaldada polos anarquistas que se movêrom

muito, botei em falta falar com outra mae que soubesse realmente como me sentia. Ela agora sente-se mui apoiada e eu sempre a estou a animar para dar algumha palestra porque a mim servem-me de terapia.

- Luitadora incansável, também participas na Casa Encantada e nas luitas em Oseiro (onde moras) contra as linhas de alta tensom. De onde tiras a energia?

- Penso que nascêrom comigo, sempre me sentim mui livre e considero que ninguém por mui poderoso que seja tem direito a impor nada pola força. Lá onde houver umha injustiça vou estar eu. Sou pobre, mas nom sou parva e os meus direitos nom mos rouba ninguém. No outro dia tivemos umha reuniom com o delegado de Meio Ambiente polo das linhas de alta tensom; erguim-me e saim, queria vencer-nos de que as linhas nom eram tam prejudicias para a saúde dos vizinhos e vizinhas... dixem-lhe que nom tinha nem ideia, que havia gente morrendo de cancro e ele a dizer que todo era legal... que as ponham por cima da casa de Tourinho entom!.

Mançanilha? Nom se vende!

◆
LEO F. CAMPOS
◆

Atualmente já quase toda a gente sabe que por comprar um apartamento em Madrid há imobiliárias que oferecem umha vivenda no litoral. Esta prática está a criar fenómenos como a Marinha d'Ouro, Cidade de Férias, ou autênticas réplicas de bairros da capital nas zonas de veraneio, com os vizinhos que moram juntos também no Verao, porque comprárom as vivendas (a madrilenas como a galegas) na mesma altura.

A translaçom é tam acabada, que é preciso aceitar que já nom lutamos contra a primeira acepçom do verbo colonizar, 'fazer de um país umha colónia', mas contra a segunda, 'povoar de colonos'. Em Eivissa o processo está quase consumado.

Aqui está encetado. De hoje num par de anos serán os colonos mançanilhas os que comecem a se manifestar ao berro de "A nossa terra é nossa e nom da Lei de costas". Fundarám associaçoms como SOS Laísom. Cantarám, com sêssio, nom se sabe se produto do substrato galaico-português ou do superestrato andaluz, "Çementar, çementarei...". Reclamarám língua e país: "Na Galiza, em manchego!". E rematarám as manifes ao berro de "Galiza fodechincha, poder especular!".

O Jalhas já nom bota água desde a única desembocadura em cadoiro da Europa. Os recheios ameaçam, entre outras, a Ria de Vigo. Os parques eólicos da Costa da Morte. As "saparilhas" do alcalde de Negrreira. A Marinha luguesa. Os encoros que alumiam Madrid. Monteferro resistiu, graças à Plataforma que o salvou. A gente, nós, tem que reagir. Galiza nom se vende.

Antes que deixem "Çemento de vencer"...